



ACRJ

A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

III FÓRUM

RIO empreendedor

O Rio que queremos



Associação Comercial do Rio de Janeiro - ACRJ | Diretoria Administrativa

Presidente

Josier Vilar

1º Vice-presidente

Laudelino da Costa Mendes Neto

2º Vice-presidente

Alexandre Accioly

Vice-presidente de Associados e Eventos

Andréa Lucia Löfgren

Vice-presidente Financeiro

Antonio Carlos Mendes Barbosa

Vice-presidente de Negócios e Sustentabilidade

Áureo Ricardo Salles de Barros

Vice-presidente de Relações Institucionais

Eduardo Ferreira Rebuzzi

Vice-presidente de Patrimônio

George Neder Cardoso

Vice-presidente de Governança e Compliance

Humberto Mota Filho

Vice-presidente de Comunicação

Jacyra Lucas

Vice-presidente Jurídico e de Relações Internacionais

Luiz Eduardo Osorio

Vice-presidente dos Conselhos Empresariais

Juedir Viana Teixeira

Vice-presidente de Inovação e Transformação Digital

Márcio Lacs

Vice-presidente de Gestão e Serviços

Márcio Serôa de Araújo Coriolano

Associação Comercial do Rio de Janeiro - ACRJ | Conselhos Empresariais

Assuntos Jurídicos, Estratégicos e Tributários

Presidente - Rodrigo Verdini

Vice-presidentes - Gerson Stocco de Siqueira e Fábio

Azevedo

Comércio Exterior

Presidente - Célia Gomes

Vice-presidente - Pedro Rafael

Comunidades, Economia Solidária, Microempreendedorismo e

Terceiro Setor

Presidente - Célia Domingues

Vice-presidente - Victor Mota

Cultura

Presidente - Sérgio Costa e Silva

Vice-presidente - Reinaldo Paes Barreto

Desenvolvimento Econômico e Mercado de Capitais

Presidente - Paulo Ganime

Vice-presidente - Samir Nehme

Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa

Presidente - Roberto Godinho

Vice-presidente - Maíra Pimentel

Economia Prateada e da Longevidade

Presidente - Fernando Potsch

Vice-presidente - Waldir Leopercio

Ecossistema da Saúde

Presidente - Leandro Tavares

Vice-presidente - Jorge Raimundo

Ecossistema do Turismo

Presidente - Pedro Guimarães

Vice-presidentes - Sávio Neves e João Marcello Barreto

Energia e Transição Energética

Presidente - Gabriel Kropsch

Vice-presidente - Katia Brito Repsold

Esporte, Lazer e Desenvolvimento Social

Governança, Compliance e Diversidade

Presidente - Humberto Mota Filho

Habitação e Desenvolvimento Urbano

Presidente - Sérgio Magalhães

Vice-presidente - Vicente Loureiro

Inovação e Transformação Digital

Presidente - Julio Urdangarin

Vice-presidente - Augusto Archer

Logística e Transporte

Presidente - Eduardo Rebuzzi

Vice-presidente - Delmo Pinho

Mulher no Ambiente de Negócios

Presidente - Michelle Novaes

Parque da Orla

Presidente - João Marcello Barreto

Vice-presidente - Leonardo Maciel

Pequena e Média Empresa

Presidente - Michel Tauil

Vice-presidentes - Thör Carvalho e Felipe Mussalem

Políticas Econômicas

Presidente - Marcilio Marques Moreira

Vice-presidente - Alberto Furuguem

Renovação do Centro e Ordem Pública

Presidente - Carlos Osório

Vice-presidente - Cláudio Padilha de Castro

Segurança

Presidente - Vinícius Cavalcante

Vice-presidente - Fernando Veloso

Sustentabilidade e Economia Circular

Presidente - Antonio Lúcio

Varejo

Presidente - Juedir Teixeira

Vice-presidente - Ricardo Guinâncio

III FÓRUM

RIOempreendedor

O Rio que queremos

A Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) realizou, nos dias 8 e 9 de outubro de 2025, o III Fórum Rio Empreendedor, consolidando o evento como um dos mais importantes espaços de diálogo entre o setor produtivo e o poder público. Foram dois dias intensos de debates, conexões e inspiração, que reuniram cerca de 1.200 participantes, entre empresários, gestores públicos, especialistas e representantes de diversos segmentos da economia para refletir sobre os caminhos do desenvolvimento e do empreendedorismo no Rio de Janeiro.

O Rio que queremos é um Rio integrado. Essa foi a tônica do encontro que, sob diferentes enfoques – da mobilidade à segurança, da energia à cultura, da inovação à sustentabilidade, da governança corporativa ao empreendedorismo feminino – evidenciou um consenso: o desenvolvimento fluminense depende da capacidade de diálogo e cooperação entre diversos setores. A troca de ideias, a diversidade de perspectivas e o espírito colaborativo marcaram cada painel, reafirmando o papel da ACRJ como protagonista na articulação entre governo, empresas e sociedade civil. O tom foi de realismo, mas, também, de otimismo.

O Rio de Janeiro precisa estar conectado ao seu tempo e, mais do que nunca, preparado para se reinventar. A cidade quer estar alinhada à tecnologia e ser um lugar atrativo para viver, trabalhar, empreender, visitar e investir.

Realização:



ACRJ

A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

1809

O III Fórum Rio Empreendedor discutiu pautas estratégicas para o futuro da cidade, como a retomada do mercado de capitais, com o retorno da Bolsa de Valores do Rio em 2026, que promete aumentar investimentos e criar novas oportunidades para micro e pequenas empresas. O Brasil, entre as maiores economias mundiais, é um dos poucos países que só tem uma bolsa. Em 2026, a Bolsa de Valores do Rio estará de volta, aquecendo nossa economia.

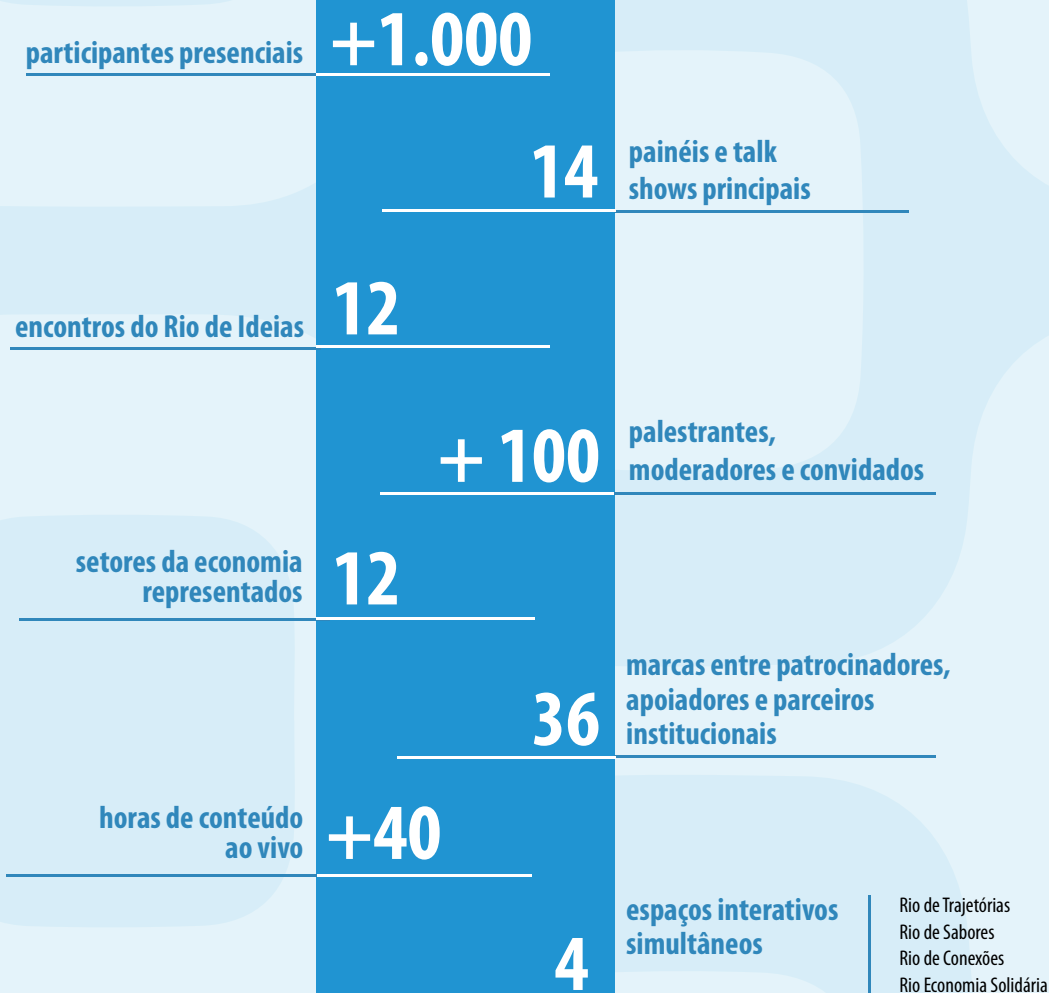
O Fórum também discutiu a questão da segurança pública, considerada essencial ao ambiente de negócios. A PEC da Segurança Pública, em tramitação no Congresso, é uma pauta prioritária. Assim como são importantes a integração policial, o uso inteligente de dados e a ocupação cultural de espaços urbanos como vetor de transformação social.

Agradeço à nossa equipe organizadora, aos palestrantes, patrocinadores e apoiadores pela parceria e dedicação na realização da terceira edição do Fórum. Em 2026, o Fórum Rio Empreendedor estará de volta com ainda mais conteúdo, networking e oportunidades!

Josier Vilar

Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro – ACRJ

NÚMEROS



Dois dias inteiros dedicados a pensar o futuro do Rio com profundidade, colaboração e visão estratégica.

RESULTADOS

O Fórum consolidou-se como uma das principais plataformas de diálogo estratégico sobre o futuro do Rio de Janeiro. Entre os principais resultados:

- 1 Conexão inédita entre líderes públicos, privados, academia, inovação e cultura.
- 2 Propostas objetivas para temas estruturados como mobilidade, segurança, energia e turismo.
- 3 Ampliação de parcerias que seguirão durante todo o ano dentro da ACRJ.
- 4 Fortalecimento do Rio como cidade de oportunidades, alinhado à visão "Rio que Queremos".



TALK SHOW DE ABERTURA

Desafios e oportunidades do Rio como cidade empreendedora

O talk show de abertura do III Fórum Rio Empreendedor, promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), no dia 8 de outubro de 2025, reuniu lideranças públicas e empresariais para debater o tema “Os Desafios do Rio como Cidade Empreendedora”, abordando desde os problemas estruturais que afetam os negócios até as soluções que podem impulsionar o desenvolvimento.

Moderado pelo presidente da ACRJ, Josier Vilar, o talk show reuniu Nicola Miccione, secretário da Casa Civil do Governo do Estado do Rio de Janeiro, representando o governador Cláudio Castro; Osmar Lima, secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, representando o prefeito Eduardo Paes; Guilherme Mercês, economista e consultor do Sistema Fecomércio RJ;

Antonio Carlos Vilela, vice-presidente da Firjan; e Robson Carneiro, presidente do Conselho Deliberativo Estadual do Sebrae Rio.

Josier Vil ar destacou a importância de consolidar uma cultura empreendedora independente do Estado e pautada na capacidade e na inovação dos próprios empreendedores. “O Rio precisa ser reconhecido como uma cidade inteligente e transformadora”, afirmou o presidente da ACRJ.

O secretário da Casa Civil do estado, Nicola Miccione, apresentou um panorama das ações do governo estadual desde 2021, voltadas à recuperação econômica pós-pandemia e pós-crise fiscal. Segundo ele, o diálogo com entidades

como Fecomércio RJ, Firjan, Sebrae e ACRJ foi fundamental para entender os entraves à atração de investimentos.

“Percebemos que a burocracia era um grande obstáculo. Empresas perdiam tempo e tempo é dinheiro. Com a modernização da Jucerja, a reestruturação da Agerio e o apoio de bancos como o BNDES, conseguimos dar mais velocidade à abertura de empresas e ampliar o acesso ao crédito”, explicou.

Miccione também destacou avanços na digitalização dos serviços públicos, na transparência fiscal e no ranking de competitividade dos estados, reconhecendo, porém, que a segurança pública e o equilíbrio fiscal ainda exigem esforços contínuos.

“O Rio de Janeiro sempre vai ter problemas, e precisamos solucioná-los. Vejo mais o copo meio cheio do que meio vazio: o Rio melhorou muito nos últimos anos, mas ainda tem desafios. Precisamos da união de todos os setores. Eventos como este Fórum são essenciais para encontrar caminhos conjuntos”, pontuou.

Questionado pelo presidente do Sebrae Rio, Robson Carneiro, sobre as questões envolvendo a concessão da Cedae, Miccione ressaltou que o novo marco legal do saneamento já beneficiou mais de 1 milhão de pessoas, que passaram a ter água encanada pela primeira vez, mais dignidade e qualidade de vida. Ele também destacou as melhorias ambientais visíveis na Baía de Guanabara e na Lagoa Rodrigo de Freitas, com a volta da vida marinha e praias novamente próprias para banho. “É uma revolução ambiental que está apenas começando”, resumiu.

O secretário municipal de Desenvolvimento Econômico do Rio, Osmar Lima, abordou as ações do município para impulsionar o empreendedorismo e a segurança urbana por meio de Parcerias Público-Privadas (PPPs). Segundo ele, o Rio é, hoje, um dos municípios com o maior número de concessões do País, com destaque para os projetos de iluminação pública inteligente e monitoramento urbano. “A rede de iluminação moderna, integrada a câmeras e sensores digitais, é uma ferramenta fundamental para aumentar a segurança e tornar o Rio uma cidade mais amigável e empreendedora”, afirmou.

Ele ressaltou a importância da integração tecnológica entre órgãos públicos, com a criação de uma Central de Inteligência capaz de unificar dados e apoiar as forças de segurança no combate ao crime.

O vice-presidente da Firjan, Antonio Carlos Vilela, reforçou a necessidade do trabalho conjunto entre os governos estadual e municipal para fortalecer o turismo e o ambiente de negócios no Rio. “Para termos o Rio que queremos – de paz, turismo e prosperidade – são indispensáveis a união de esforços e o compromisso com a segurança pública”, disse.

No fim do debate, os participantes comentaram a candidatura das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói para sediar os Jogos Pan-Americanos de 2031*, como uma oportunidade estratégica, por seu potencial de atração de investimentos, geração de empregos e legado em infraestrutura e mobilidade.

*No dia 10 de outubro de 2025, Assunção, capital do Paraguai, foi anunciada como cidade-sede dos Jogos Pan e Parapan-americanos de 2031, com 28 votos contra 24 da candidatura Rio/Niterói.



Precisamos da união de todos os setores. Eventos como este Fórum são essenciais para encontrar caminhos conjuntos.

(Nicola Miccione)





A desordem urbana abre espaço para o crime e impede o surgimento de empreendedores legítimos.

(Victor dos Santos)



PAINEL

Desafios da Segurança Pública para os negócios do Rio de Janeiro

Este painel reuniu autoridades e especialistas para discutir um dos temas mais sensíveis à economia fluminense: a segurança pública, seu impacto direto sobre o ambiente de negócios e os caminhos possíveis para tornar a cidade mais segura e atrativa para empreender.

Moderado pelo delegado Marcelo Itagiba, da Polícia Federal, o debate contou com as participações do secretário estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro, Victor dos Santos, do presidente da Fetranscarga, Eduardo Rebuzzi, do consultor e gestor de segurança Camilo D'Ornellas, e de Renato Almeida, presidente do Mov Rio e coordenador do Disque-Denúncia – telefone 21 2253-1177 – que está completando 30 anos em 2025.

Ao abrir o painel, Itagiba destacou que a criminalidade é uma questão nacional que exige integração efetiva entre os níveis federal, estadual e municipal, além da atuação coordenada

com o Judiciário e o Ministério Público. Segundo ele, o enfrentamento do crime organizado depende da inteligência para combater os grupos fortemente armados que comandam o crime e, também, de vontade política.

O secretário de Segurança Pública, Victor dos Santos, disse que a criminalidade evoluiu e se tornou um negócio altamente rentável, que precisa ser combatido sob uma ótica diferente. “Durante muito tempo, a segurança pública olhou apenas para o criminoso. Hoje, é necessário olhar para o negócio do crime – seja tráfico ou milícia – que domina territórios e ‘presta serviços’ à população”, frisou. Ele citou exemplos como o fornecimento de gás, transporte alternativo, internet e até a venda de gelo e bebidas, como exemplos de atividades controladas por facções, lembrando que “a desordem urbana abre espaço para o crime e

impede o surgimento de empreendedores legítimos”.

O secretário também mencionou a pesquisa Data Favela 2025, desenvolvida pela Central Única de Favelas (Cufa). O estudo revelou que essas comunidades movimentam R\$ 300 bilhões por ano e apontou que 70% dos moradores veem o empreendedorismo como um caminho mais viável para melhorar de vida do que o emprego formal. “Precisamos dar dignidade a essas pessoas, que pedem primeiro moradia e depois segurança”, concluiu.

Renato Almeida, do Mov Rio e coordenador do Disque-Denúncia, lembrou que o programa consolidou-se como o principal canal de comunicação entre a população e as forças de segurança pública. “A credibilidade do Disque-Denúncia vem da garantia de anonimato e do acompanhamento de cada informação recebida”, disse ele, informando que, até hoje, o canal já registrou cerca de 100 mil denúncias, que são analisadas e encaminhadas aos órgãos competentes para investigação e resposta.

O consultor e gestor de segurança Camilo D'Ornellas ressaltou a importância da coope-

ração público-privada, lembrando que o Rio é “a capital do entretenimento no Brasil” e sede de grandes eventos como o Rock in Rio. Ele alertou que o planejamento da segurança deve se antecipar a desafios futuros, como a Copa do Mundo de Futebol Feminina de 2027. “Capacitar os agentes e planejar de forma integrada é essencial para garantir a imagem do Rio como destino seguro e atrativo para investimentos e turismo”, destacou. Ele também comentou a Lei nº 14.967/2024 que instituiu o novo Estatuto da Segurança Privada, modernizando a regulação do setor e estabelecendo novas regras para vigilância patrimonial, fiscalização e transparência nas empresas de segurança.

Eduardo Rebuzzi, presidente da Fetranscarga e da NTC&Logística, abordou os desafios da segurança no transporte de cargas, destacando o projeto Carga Blindada, que integra empresas, motoristas e forças policiais para reduzir roubos e agilizar a troca de informações. Ele revelou que 14% da receita das transportadoras é destinada à prevenção contra roubos, um custo extremamente oneroso para o setor. “A questão da ordem pública no município é central. O camelô é só a ponta visível de um problema que envolve receptação e escoamento de produtos roubados”, alertou.



PAINEL

Desafios da integração da mobilidade urbana

Neste painel do III Fórum Rio Empreendedor, o tema central foi a integração da mobilidade urbana e seus impactos no desenvolvimento econômico e social da Região Metropolitana. A mobilidade é um desafio comum às grandes cidades e repensá-la é essencial para um Rio mais conectado, eficiente e humano.

O debate reuniu Valéria Bechara, do escritório Jaime Lerner Arquitetos Associados, Caio Luz, da SPTrans, e Felipe Peixoto, secretário executivo da prefeitura de Niterói, sob a moderação de Vicente Loureiro, vice-presidente do Conselho Empresarial de Habitação e Desenvolvimento Urbano da ACRJ.

Eles discutiram soluções possíveis para melhorar a conexão entre modais e serviços, e como isso impacta diretamente a qualidade de vida de quem vive, trabalha ou investe no Rio.

– Quanto tempo passamos no trânsito todos os dias – foi a questão que permeou o painel.

Vicente Loureiro destacou que a mobilidade é uma questão presente na vida de todos os cidadãos e que a má prestação dos serviços de transporte impacta diretamente a população, a economia e a imagem da cidade. Ele citou uma pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) que mostra o aumento do uso de

veículos individuais nas grandes cidades – tendência que amplia a poluição, os congestionamentos e os problemas sociais.

“O Rio é uma das regiões onde a população mais gasta tempo para se deslocar. Isso compromete a produtividade, o bem-estar e até mesmo o empreendedorismo”, ressaltou.

Valéria Bechara compartilhou a experiência de Curitiba, cidade pioneira em planejamento urbano e na criação do sistema BRT (*Bus Rapid Transit*), que foi implantado ainda na década de 1970. O modelo, idealizado pelo urbanista Jaime Lerner, nasceu com a proposta de faixas exclusivas de ônibus e integração entre diferentes modais de transporte. A arquiteta afirmou que a integração metropolitana com tarifa única e planejamento em rede é o que garante o sucesso do sistema curitibano.

“Curitiba é uma cidade onde se pode ir de um município a outro com uma única tarifa. O Rio tem todos os modais possíveis, mas eles não se falam. Precisamos construir uma cidade para todos”, disse ela, enfatizando que inovação e integração são as palavras-chave para transformar a mobilidade urbana e, consequentemente, a dinâmica econômica das cidades.

Falando sobre São Paulo, Caio Luz, representante da SPTrans, apresentou dados que dimensionam o tamanho do desafio na maior metrópole do país: 9,8 milhões de carros, 1.320 linhas municipais de ônibus, 522 linhas

intermunicipais, 725 km de faixas prioritárias e mais de sete (7) milhões de passageiros por dia.

Segundo ele, o avanço da mobilidade em São Paulo só foi possível graças à continuidade de planejamento e investimentos dos governos. Luz destacou projetos estratégicos, como o trem ligando a capital paulista a Campinas, o teleférico da Brasilândia, o VLT do Centro da capital e o programa Domingo Tarifa Zero, já em andamento, que incentiva o uso do transporte público também para o lazer. “Investir em mobilidade é investir em cidadania. Significa devolver tempo às pessoas e garantir qualidade de vida”, afirmou.

Felipe Peixoto, secretário executivo da prefeitura de Niterói, relatou que levou duas horas para chegar ao evento, no Centro do Rio, considerando a situação inadmissível e ilustrativa da realidade de milhares de cidadãos fluminenses.

“Vivemos um momento muito ruim no transporte público. Falta integração tarifária, investimentos e, principalmente, uma autoridade metropolitana de transporte. Chegamos a um limite. A população não aguenta mais. Mas, acredito que, com diálogo e planejamento, esse momento de mudança vai chegar”, disse.

Na conclusão do painel, Vicente Loureiro convidou os debatedores a indicarem caminhos para o futuro. Todos convergiram na defesa da integração física e tarifária entre os modais, dando prioridade ao transporte coletivo e à cooperação entre as diferentes esferas de governo. “Além do desafio, temos uma oportunidade transformadora para a mobilidade urbana”, destacou.



O Rio é uma das regiões onde a população mais gasta tempo para se deslocar. Isso compromete a produtividade, o bem-estar e até mesmo o empreendedorismo.

(Vicente Loureiro)



PAINEL

Os caminhos do empreendedorismo na cultura, no turismo e no esporte

O Rio pulsa criatividade, talento e oportunidades. Mas como transformar esse potencial em negócios sustentáveis? O painel reuniu nomes de peso para discutir como a cultura, o audiovisual, o turismo, o esporte e grandes eventos podem impulsionar o desenvolvimento social e econômico da cidade, fortalecendo o ecossistema empreendedor e reforçando o posicionamento do Rio como capital da experiência.

Moderado por Sidney Levy, presidente da Invest.Rio, o debate reuniu o 2º vice-presidente da ACRJ, o empresário Alexandre Accioly (Accioly Participações), Leonardo Edde, da Rio-Filme, Duda Magalhães, da Dream Factory, e Lucas Padilha, secretário municipal de Cultura do Rio.

Sidney Levy disse que o turismo carioca vive um bom momento e ainda pode crescer muito mais. “Se acertarmos o rumo, podemos dobrar o número de visitantes em cinco anos”, afirmou. Ele apresentou três pontos essenciais para essa meta: ampliar a conectividade aérea, lembrando a importância da proteção do Galeão e a necessidade de políticas públicas para novos voos; fortalecer a rede hoteleira, incentivando a reabertura e a modernização de hotéis; e consolidar um calendário de eventos robusto, que una negócios, entretenimento e esportes.

Lucas Padilha destacou o papel estratégico da Cultura na geração de experiências e movimentação turística, citando como exemplos, eventos de grande repercussão, como o “Todo Mundo no Rio”, com os megashows das cantoras Madonna e Lady Gaga, e defendeu a criação de circuitos culturais permanentes. “O Centro do Rio precisa de uma política clara de festivais. Integrar espaços como o MAM, a Cinelândia, a Rua da Cerveja, entre outros, é uma forma de prolongar a permanência dos visitantes”, afirmou. O secretário de Cultura do Rio disse ainda que o MAM tem superado mar-

cas expressivas de visitantes, em 2025, que não eram registradas há muito tempo, o que demonstra o potencial de revitalização da região central. “O desafio é transformar o produto cultural em ativo econômico, com políticas de fomento que dialoguem com o turismo e a economia criativa”, concluiu.

Alexandre Accioly, da rede Bodytech, do Roxy Dinner Show e de tantos outros empreendimentos, acredita que o Rio de Janeiro, enfim, começa a explorar sua vocação natural para o turismo. “O Rio é exemplo na organização de eventos como o Rock in Rio, que exportou sua marca para o mundo”, disse. O empresário defendeu a necessidade de investir em equipamentos permanentes, como o novo Museu da Imagem e do Som e o Parque do Jardim de

Alah, e, também, de fomentar atividades noturnas que ampliem a experiência dos visitantes.

“O turismo é o DNA do Rio. Até o momento, temos 10 milhões de turistas brasileiros e mais de 1,5 milhão de estrangeiros em 2025. Mas, precisamos oferecer experiências, não apenas conveniência. Conveniência é assistir a um filme na Netflix; experiência é ir ao cinema”, completou Accioly.

Para Leonardo Edde, o audiovisual é uma das portas mais poderosas de entrada para o turismo. “Milhões de pessoas escolhem seus destinos a partir do que veem nas telas. O Rio precisa se posicionar como destino cinematográfico global”, afirmou. Segundo ele, a cidade já ultrapassou Paris e a Cidade do México em número de autorizações de filmagens, com mais de oito mil diárias registradas até setembro deste ano. Ele também defendeu a ocupação permanente dos equipamentos culturais e sugeriu iniciativas, como a instalação de uma árvore de Natal na Cinelândia, região que conecta o audiovisual, a cultura e o turismo em um mesmo eixo de revitalização.

Encerrando o painel, Duda Magalhães, CEO da Dream Factory, destacou a importância dos eventos de grande impacto para o posicionamento da cidade, como a Maratona do Rio, que atraiu mais de 60 mil participantes e gerou R\$ 584 milhões em impacto econômico, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV). “A economia do ‘ao vivo’ é a nova fronteira da experiência. A Maratona é um exemplo de comunidade temática que projeta o Rio internacionalmente”, explicou.

Para Magalhães, o calendário de eventos e o setor hoteleiro precisam estar integrados ao planejamento estratégico da cidade. Ele reforçou a ideia de que é preciso identificar as vocações naturais do Rio e construir em torno delas experiências consistentes.

Encerrando o painel, Sidney Levy reafirmou que o turismo carioca tem potencial para dobrar nos próximos cinco anos, desde que a cidade avance em conectividade, calendário e qualificação da experiência. A mensagem final foi de otimismo e convergência: cultura, turismo, esporte e audiovisual integrados na construção de um Rio de Janeiro mais vibrante, criativo e empreendedor.



“

Precisamos oferecer experiências, não apenas conveniência. Conveniência é assistir a um filme na Netflix; experiência é ir ao cinema.

(Alexandre Accioly)

”

PAINEL

Transformando o ambiente de negócios do Rio pela inovação

Quando inovação e empreendedorismo caminham juntos, o Rio avança. Neste painel, lideranças de diferentes áreas discutiram como poder público, universidades e setor privado podem, juntos, impulsionar a economia e gerar novas oportunidades para construir uma cidade mais competitiva, moderna e aberta ao futuro. O debate foi moderado por Osmar Lima, secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, e contou com as participações de Tatiana Roque, secretária municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação; de Leandro Tavares, vice-presidente executivo da Rede D'Or São Luiz; de Fábio Ferrari, sócio do Grupo Visagio; e de Antonio Cláudio Nóbrega, reitor da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Tatiana Roque abriu o painel destacando o potencial do Rio de Janeiro como um polo natural de inovação. Apresentou o Plano de Inovação da Cidade, que busca articular projetos estratégicos em três grandes eixos: tecnologia, cidades inteligentes e saúde.

Entre os exemplos, citou o Porto Maravilha, voltado à integração entre conhecimento e empreendedorismo, e o projeto Rio.IA, realizado em parceria com a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), para fomentar o desenvolvimento e a oferta de serviços de inteligência artificial por empresas cariocas.



Tatiana também mencionou o Desafio Rio, iniciativa voltada à construção de soluções para tornar o Rio uma cidade inteligente, e o fortalecimento do ecossistema de inovação em saúde que envolve parcerias com a Fiocruz, a ACRJ e o projeto FIS, que estimulam startups e a formação de novos negócios no setor.

“Queremos reter nossos talentos e aplicar o conhecimento gerado pelos nossos centros de inteligência artificial aqui mesmo, no Rio de Janeiro”, afirmou.

O reitor Antonio Cláudio Nóbrega reforçou o papel central da universidade na construção de uma cultura inovadora, afirmando que, sem abrir mão da pesquisa e da formação de longo prazo, a UFF busca aproximar o ensino das demandas reais do mercado de trabalho.

“A universidade deve ser um espaço de criatividade e experimentação. É ali que surgem consultores, pesquisadores e empreendedores. Também precisamos discutir e aprimorar os marcos regulatórios que incentivem a inovação e permitam o uso mais eficiente dos instrumentos já existentes”, afirmou.

Representando o setor privado de Saúde, Leandro Tavares, da Rede D'Or São Luiz, trouxe um olhar pragmático sobre a urgência da inovação. Segundo ele, dois fatores vão pressionar o futuro próximo: o envelhecimento da população e a sustentabilidade financeira do sistema de saúde.

“Para atender a uma sociedade que envelhece e manter as contas equilibradas, precisamos de tecnologia. Hoje, 50% do investimento em um hospital de alta complexidade está em equipamentos e sistemas, não apenas na estrutura física”, frisou.

Tavares ressaltou que as principais transformações tecnológicas na saúde estão vindo de fora do setor – da engenharia, da química, da física

e da ciência de dados – por isso é preciso criar pontes entre esses campos.

“A relação médico-paciente vai, inevitavelmente, passar pelo computador. A tecnologia é o elo que permitirá manter o cuidado em larga escala. Nossa missão é compreender essas forças e construir polos de desenvolvimento integrados”, concluiu, destacando o orgulho da Rede D'Or de ser uma empresa carioca.

Encerrando o debate, Fábio Ferrari, sócio do Grupo Visagio, compartilhou a trajetória da empresa, fundada em 2003 por estudantes da UFRJ e, hoje, com mais de 1.100 colaboradores em diversos países.

A Visagio evoluiu de uma consultoria de gestão para uma plataforma de transformação de negócios, com braços voltados a tecnologia, investimentos e inteligência artificial.

“Nascemos no Rio e queremos transformar a cidade no maior hub de tecnologia e inovação da América do Sul”, afirmou Ferrari.

Para ele, o diferencial carioca está nas pessoas. “O Rio tem talentos criativos e uma cultura empreendedora singular. Precisamos valorizar e vender melhor esses ativos, porque é isso que vai atrair investimentos e consolidar um ambiente de negócios inovador”, afirmou.

O painel mostrou que a inovação não é um esforço isolado, mas, sim, o resultado da colaboração entre governos, universidades e empresas. O Rio de Janeiro, com sua base acadêmica sólida, ambiente empresarial diversificado e vocação criativa, tem todos os elementos para se posicionar como referência em inovação e tecnologia no Brasil e na América Latina.

TALK SHOW

O Rio como um lugar atrativo para investir e empreender

Encerrando o primeiro dia do III Fórum Rio Empreendedor, promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), este talk show reuniu personalidades de diferentes áreas para debater o que faz da cidade uma terra de oportunidades e o que ainda precisa ser superado.

Mediado por Maria Silvia Bastos Marques, secretária de Projetos Especiais da prefeitura do Rio, o talk show contou com as participações de Patrick Sabatier, da L'Oréal, de Mario Moreira, da Fiocruz, de Luis Fernando Camilotto, da Base Exchange, de Glauco Paiva, da Shell, e de Vander Giordano, da Multiplan.

A prefeitura está trabalhando em um novo branding da marca Rio.

(Maria Silvia Bastos Marques)

Maria Silvia destacou a proposta do debate: entender como o Rio pode consolidar-se como polo de investimento e empreendedorismo. Ela revelou que a prefeitura está trabalhando em um novo posicionamento, um novo branding da marca Rio, inspirado em práticas e dados (benchmarking) de Nova Iorque, com o objetivo de reforçar a imagem da cidade como ambiente favorável aos negócios e à inovação.

Giordano, da Multiplan, a exemplo de palestrantes anteriores, destacou a natureza e a criatividade do carioca como diferenciais únicos, ressaltando a energia singular carioca. Para ele, no entanto, dois pontos precisam de atenção: segurança pública e a valorização das empresas já instaladas na cidade que, muitas vezes, não têm o devido reconhecimento pelo impacto econômico e social que geram. Ele comentou também a importância da experiência presencial do varejo, afirmando que o digital não a substituiu, e que o movimento nos shoppings da Multiplan triplicou após a pandemia, impulsionado pelo desejo das pessoas de retomar o convívio.

Glauco Paiva, da Shell, lembrou que a empresa está no Rio há 112 anos e que o estado concentra 87% da produção nacional de petróleo. Para ele, o Rio combina pujança para negócios com a informalidade acolhedora do carioca. Paiva endossou a necessidade crucial de reforçar a segurança, considerada pelos participantes como o principal desafio ao ambiente de negócios. Ele comentou ainda a importância da Operação Carbono Oculto, da Receita Federal e do Ministério Público, que investiga ações criminosas no âmbito da cadeia de combustíveis, e a atuação da Shell como uma empresa que apoia e investe no Rio, citando como exemplo o patrocínio da 25ª edição do

Festival do Rio de Cinema, realizado entre os dias 2 e 12 de outubro.

Patrick Sabatier, diretor de Relações Institucionais da L'Oréal Brasil destacou os três pilares que, segundo ele, tornam o Rio uma cidade fora do comum: pessoas, biodiversidade e tecnologia. Ele elogiou a resiliência e a empatia do povo carioca e abordou o impacto da pesquisa e da inovação que vêm sendo desenvolvidas na Ilha do Fundão. Sabatier lembrou que a empresa, com mais de 65 anos de atuação no Brasil, instalou-se no Rio e foi a primeira a se mudar para o Porto Maravilha, onde investe em projetos sociais e em um centro de inovação dedicado à diversidade da beleza brasileira. "Paris é a cidade mais bonita criada pelo homem e o Rio é a cidade mais bonita criada por Deus", elogiou.

O presidente da Fiocruz, Mario Santos Moreira, trouxe ao debate a importância do enfrentamento das desigualdades sociais como base para o desenvolvimento sustentável. "O Rio tem mais de 1.200 favelas. Antes de falarmos de segurança, precisamos falar de inclusão", afirmou. Moreira anunciou o avanço da construção de uma biofábrica de vacinas em Santa Cruz, um investimento de R\$ 1,2 bilhão que deverá gerar dois mil empregos diretos e colocará o Rio no centro da produção mundial de imunizantes.

Já o presidente da Base Exchange, Luis Fernando Camilotto, ressaltou a qualidade e o comprometimento dos profissionais formados nas universidades e institutos do Rio de Janeiro,

como o Instituto Militar de Engenharia (IME), e contou que 80% da equipe da empresa são talentos locais, o que demonstra a capacidade da cidade em gerar mão de obra altamente qualificada. Camilotto aproveitou para apresentar o projeto da nova Bolsa de Valores Base Exchange, que terá sede no Rio e será uma bolsa completa, com negociação de ações, fundos, derivativos e renda fixa. "Nosso objetivo é dinamizar o mercado e atrair outras atividades correlatas, como as áreas jurídica e contábil, com foco total no cliente", adiantou.

Acompanhando o talk show que encerrou o primeiro dia do III Fórum Rio Empreendedor, o presidente da ACRJ, Josier Vilar, lembrou que o Brasil é um dos poucos países do mundo que só têm uma bolsa. "A bolsa de valores do Rio estará de volta em 2026 e vai aquecer a economia", afirmou, acreditando que o retorno do mercado de capitais ao estado poderá destravar investimentos e criar novas oportunidades para micro e pequenas empresas. Para ele, a Bolsa de Valores do Rio deverá ter um foco estratégico no pequeno e no médio empresário, preparando-os para acessar o mercado de capitais. "Vai atrair fintechs e nômades digitais. Estou esperançoso que, em poucos anos, o Centro do Rio se transforme num grande ambiente de inovação e transformação digital", completou.

Com uma mensagem de esperança e de valorização do talento carioca, o talk show terminou com o sentimento de que o Rio de Janeiro tem tudo para transformar seu potencial em resultados concretos e reafirmar seu papel como um dos principais destinos para se investir e empreender no Brasil.



TALK SHOW

Futebol e economia: a paixão que movimenta o Rio

Futebol é emoção, cultura e também negócio. O segundo dia do III Fórum Rio Empreendedor, realizado pela ACRJ, tratou do futebol – paixão nacional, que desperta emoções e cifras – e sua importância para o desenvolvimento econômico do Rio de Janeiro.

Do talk show, mediado pelo presidente do Conselho Superior da ACRJ, Ruy Barreto Filho, e pelo advogado Henrique Figueira, participaram o presidente do Flamengo, Luiz Eduardo Baptista (Bap); o vice-presidente da ACRJ e sócio-diretor da Alvarez & Marsal, Fred Luz; o presidente do Conselho Empresarial de Turismo da ACRJ e da Apresenta, Pedro Guimarães; e o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico do Rio, Osmar Lima.

Ruy Barreto comentou o papel do futebol na economia carioca e lembrou que o Maracanã, em dias de jogo do Flamengo, por exemplo, costuma receber um público pagante superior a 60 mil pessoas, o que já simboliza a força do Rio como destino esportivo e turístico.

O advogado Henrique Figueira perguntou a Luiz Eduardo Baptista como a experiência do futebol poderia ser levada a todo o estado. O dirigente do Flamengo respondeu que, normalmente, o clube recebe cerca de oito mil torcedores de fora e, em alguns jogos, até 20 mil torcedores, reforçando o esporte como atrativo turístico.

“Essas pessoas querem visitar o clube, fazer fotos, viver a experiência completa. Falta conexão – correlacionar o futebol com outros eventos da cidade. É preciso mais curadoria, mais informações e um melhor cuidado com o Maracanã, que pode receber o público de forma mais acolhedora”, destacou Bap.

Pedro Guimarães, presidente da Apresenta, entidade empresarial criada pelas principais empresas promotoras e produtoras de eventos do Rio e, agora, do Brasil, apontou o programa de sócio-torcedor como um instrumento poderoso de pertencimento. Ele lembrou que o Maracanã é o terceiro ponto turístico mais visitado do Rio, atrás apenas do Cristo Redentor e só recentemente ultrapassado pelo Pão de Açúcar. “O futebol desperta emoção, identidade e consumo. Quando três clubes cariocas participaram juntos da I Copa do Mundo de Clubes, aproveitamos para divulgar a marca Rio de Janeiro no exterior. Essa sinergia é valiosa”, observou. Guimarães lembrou ainda que o torcedor leva o nome da cidade consigo: “Quando veste a camisa do seu clube em outro estado ou país, ele está promovendo o Rio”.

O secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Osmar Lima, apresentou dados que dimensionam o impacto do futebol na economia carioca. Um estudo

da prefeitura revelou que os quatro grandes clubes do Rio – Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco – faturaram R\$ 2,3 bilhões em 2023, com mais de R\$ 300 milhões apenas em bilheteria nos 126 jogos disputados por estes times em solo carioca. “E as 146 partidas fora do Rio levaram a marca da cidade para o país e o mundo. O futebol é uma das nossas maiores vitrines econômicas e culturais”, destacou. Ele recordou ainda iniciativas recentes da prefeitura em apoio ao setor, como a viabilização do estádio do Flamengo na área do Gasômetro e o projeto de reforma do estádio de São Januário, com a venda de potencial construtivo em benefício do Vasco da Gama.

Para ele, é fundamental criar conexões entre o turismo esportivo e as demais atividades econômicas: “Precisamos acolher melhor o torcedor visitante e apresentar-lhe a cidade como um destino completo”.

O secretário deu também o exemplo de outro tipo de turismo esportivo, comentando o caso das escolinhas de futebol do clube francês Paris Saint-Germain (PSG) que, hoje, possui mais unidades no Rio de Janeiro do que em Paris, na França. Ele sublinhou a conexão entre esporte, educação e turismo, lembrando que as escolinhas de futebol do Paris Saint-Germain são parte de um amplo projeto do clube voltado à formação de jogadores e ao fortalecimento do branding global da marca PSG. Ao comentar o caso, Lima explicou ainda que todas as unidades seguem metodologia única e padronizada, aplicada em escolinhas do mundo inteiro, reforçando o caráter profissional e internacional dessa estratégia.

Para Fred Luz, o futebol é um produto robusto de entretenimento, um ativo único que precisa

“**Falta correlacionar o futebol com outros eventos da cidade. É preciso mais curadoria e mais informações.**

(BAP)

ser melhor explorado. O executivo defendeu ainda o fortalecimento do viés social do esporte, com projetos voltados às escolas e em parceria com universidades, unindo educação, esporte e pesquisa. “O Rio tem tudo para ser a capital mundial do futebol”, completou.

Durante o bate-papo, a plateia lembrou – e a mesa de debatedores concordou – que o Rio de Janeiro reúne elementos únicos que reforçam sua ligação histórica com o futebol: é sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD); abriga a Granja Comary, onde treina a Seleção Brasileira; e foi palco do primeiro jogo da seleção, nas Laranjeiras. Esses fatos, lembraram os participantes, mostram como o Rio é, de fato, o berço do futebol no Brasil.

Uma pergunta do público sobre o futuro do Maracanã levou Luiz Eduardo Baptista a afirmar que o estádio continuará sendo um local icônico, um símbolo maior do futebol brasileiro. “O Maracanã precisa de um projeto similar ao de estádios como Wembley, e seguirá com grandes planos, pois é parte da história e da alma do futebol carioca”, concluiu.

No fim do talk show, o presidente da ACRJ, Josier Vilar, propôs reunir, na Casa de Mauá, o pessoal do trade turístico e do setor público para pensar em ações estratégicas e integradas destinadas a melhorar e ampliar a experiência do visitante. “A ideia de convergir atrações esportivas – como visitas a estádios e idas a jogos de futebol e a outras competições – com o calendário turístico e da cidade, é mais um caminho interessante para fortalecer a economia local”, concluiu ele.



PAINEL

Transição energética e sustentabilidade no centro das novas oportunidades de negócios

Em pauta, um dos temas mais estratégicos para o futuro do Brasil: a transição energética. Reunidos no III Fórum Rio Empreendedor, na ACRJ, especialistas do setor de energia discutiram caminhos para um futuro mais limpo, competitivo e inovador no Rio de Janeiro.

A busca por novas fontes de energia e modelos de negócio sustentáveis é um imperativo global. O Rio de Janeiro, com sua infraestrutura, cadeia industrial e vocação natural para o setor, pode exercer um papel decisivo na consolidação da nova economia verde que une inovação, competitividade e preservação ambiental.

Moderado por Gabriel Kropsch, presidente do Conselho Empresarial de Energia e Transição Energética da ACRJ, o painel reuniu líderes de

empresas que protagonizam essa transformação: Mauro Andrade (Prumo Logística), Gil Maranhão (Engie), Eduardo Lima (Gás Verde) e Emmanuel Delfosse (GNA - Gás Natural Açu).

Kropsch destacou que a inclusão do termo "Transição Energética" no nome do conselho da ACRJ reflete, além da importância do tema, a crescente adesão das empresas. "Quando assumi, fiz questão de incluir a transição energética no nome do conselho. O setor empresarial tem um compromisso com a sustentabilidade. Hoje, temos aqui quatro empresas que são referência nesse movimento", declarou.

Cada debatedor contou um pouco sobre sua trajetória e apresentou à plateia algumas das

principais ações de suas empresas, além de indicar perspectivas para o futuro do setor.

Eduardo Lima, da Gás Verde, informou que a companhia é hoje a maior produtora de biometano do país, um combustível renovável derivado de resíduos orgânicos. Ele falou sobre projetos em desenvolvimento de BioGNL (biometano liquefeito) na Região Metropolitana do Rio, em aterros sanitários de São Gonçalo e Nova Iguaçu, e enfatizou que o e-metanol, um combustível de baixo carbono, vai contribuir muito com o planeta e poderá colocar o Rio na liderança da transição energética nacional.

Gil Maranhão, diretor da Engie, apresentou a empresa, uma das maiores multinacionais de energia do mundo, com mais de 30 anos de presença no Brasil e foco total em fontes renováveis. "Transição energética não é uma mera expressão. É a essência da nossa empresa. Todos os nossos projetos são desenvolvidos com base na redução de emissões de gases do efeito estufa", afirmou.

Ele abordou a oportunidade de expansão das usinas hidrelétricas reversíveis, que funcionam como baterias naturais, armazenando energia em reservatórios quando há excesso de produção e liberando-a em momentos de maior demanda; uma tecnologia que pode impulsionar a segurança energética do país e gerar novas oportunidades para a cadeia produtiva fluminense.

Emmanuel Delfosse, CEO da GNA (Gás Natural Açu), empresa que opera o maior complexo termelétrico a gás natural da América Latina, contou que os investimentos do grupo no estado do Rio de Janeiro chegam a R\$ 12 bilhões. "Nosso foco é contribuir com a segurança energética do Brasil, buscando constantemente novas formas de inovar e de reduzir os impactos ambientais", ressaltou o executivo. Por sua dimensão e seu papel estruturante na matriz energética nacional, o projeto Gás Natural Açu (GNA) foi classificado pelo moderador do painel, Gabriel Kropsch, como emblemático.

O GNA é um complexo de geração de energia movido a gás natural, localizado no Porto do Açu, em São João da Barra, no litoral fluminense. Composto pelas usinas termelétricas GNA I e GNA II que, juntas, formam o maior parque termelétrico da América Latina, com capacidade total de 3 GW, o projeto inclui também um terminal de regaseificação de GNL (Gás Natural Liquefeito) e prevê futuras expansões com gasodutos e unidades de processamento de gás natural.

Mauro Andrade, diretor da Prumo Logística, destacou o papel estratégico do Porto do Açu na transformação do setor energético brasileiro.

"O Açu está se consolidando como o porto da transição energética do Brasil", disse. Segundo ele, R\$ 25 bilhões foram investidos nos últimos 10 anos, empregando cerca de seis mil trabalhadores, majoritariamente da região norte fluminense. Andrade também apontou o potencial da energia eólica offshore, que deve ter o Porto do Açu como base logística fundamental para sua implantação.

No encerramento do painel, o presidente do Conselho Empresarial de Energia e Transição Energética da ACRJ, Gabriel Kropsch, ressaltou que a crescente demanda por energia limpa será potencializada por setores emergentes como os data centers – grandes estruturas de processamento e armazenamento de dados que consomem volumes significativos de energia e precisarão cada vez mais de soluções sustentáveis para operar. Ele destacou ainda que o interior do estado tem oportunidades concretas, mão de obra qualificada, espaço para investimentos e uma estrutura em expansão.

Com um olhar convergente para inovação, investimento e responsabilidade ambiental, o painel reforçou o papel do Rio de Janeiro como protagonista na transição energética brasileira e referência para o desenvolvimento sustentável do país.

A crescente demanda por energia limpa será potencializada por setores emergentes como os data centers.

(Gabriel Kropsch)



PAINEL

Liderando com inovação: lições de CEOs de grandes empresas no Brasil

Este painel reuniu três líderes do cenário corporativo nacional: Leonardo Coelho, ex-CEO da Americanas; Claudio Zattar, CEO da Unidas; e Alexandre Monteiro, CEO do RioGaleão. A mediação ficou a cargo de Juedir Teixeira, vice-presidente dos Conselhos Empresariais e presidente do Conselho Empresarial de Varejo da ACRJ, que abriu o encontro com uma reflexão: “Não há negócio sem gestão e não há gestão sem liderança”.

Especialista e autor de livros sobre o varejo, Juedir disse que a intenção do painel era discutir os desafios de liderar grandes organizações em um ambiente cada vez mais complexo.

Alexandre Monteiro, CEO do RioGaleão, compartilhou os desafios enfrentados pelo aeroporto internacional durante a pandemia. Ele lembrou o período em que o terminal chegou a operar apenas três voos nacionais e precisou lidar com o impacto humano e econômico da crise.

“Foi um momento em que a liderança precisou ser próxima e empática. Tivemos de conversar com todos os envolvidos – companhias aéreas, lojistas, prestadores de serviços – e encontrar soluções conjuntas. O diálogo foi o que man-

teve tudo de pé”, afirmou. Monteiro recordou que o Galeão foi peça-chave na logística das vacinas contra a covid-19, reiterando o orgulho da equipe nessa função estratégica. “Conseguimos atravessar aquele momento sem judicializações, porque prevaleceu o entendimento e a parceria”, completou. O executivo afirmou que a experiência do usuário deve estar no centro dos processos de gestão. “Investir em treinamento não é fácil, mas é essencial. Só o Galeão tem 750 funcionários diretos e cerca de 15 mil pessoas envolvidas nas operações”, disse ele, ao comentar o programa interno “O jeito RioGaleão de ser”, voltado à formação e ao engajamento das equipes. Por fim, Monteiro adiantou que o aeroporto está desenvolvendo novas soluções tecnológicas para reservas de salas VIP e o serviço de concierge digital.

Leonardo Coelho, que deixou o cargo de CEO da Americanas e atualmente integra o Comitê Financeiro da companhia, relatou alguns bastidores da crise e como foi conduzir a reconstrução da rede após a descoberta das fraudes contábeis que abalaram a empresa e o mercado. “Foi um processo de sobrevivência. Era preciso encontrar um caminho para salvar a empresa”, declarou. Segundo ele, o processo

envolveu não apenas reorganizar as finanças, mas, principalmente, recuperar a credibilidade e reconstruir a cultura interna. Coelho lembrou que o caso envolveu perdas de patrimônio e de confiança e que a reestruturação exigiu muita prudência nas escolhas e na recomposição das equipes.

“A Americanas é uma empresa de primeiro emprego, com mais de 1.500 lojas e 30 mil funcionários. Havia também a dimensão e um papel social muito importantes”, observou, contando como foi essencial equilibrar a valorização de profissionais que já estavam na companhia com novas contratações. De acordo com ele, a reconstrução passou pelo resgate da cultura interna, que uniu profissionais antigos e novos. “Foi um processo de cicatrização, com base na transparência e na confiança. Precisávamos voltar a ser relevantes e, sobretudo, coerentes com nossos valores”, completou.

Coelho disse ainda que o novo ciclo da Americanas está centrado em dados e inteligência artificial. “A partir de 2023, começamos a usar tecnologia para entender melhor o comportamento do cliente, revisar o mix de produtos e fortalecer as lojas físicas. A proximidade com o consumidor é o diferencial”, garantiu. Ele complementou sua fala dizendo que o equilíbrio pessoal é indispensável à boa liderança: “É preciso estar mental e fisicamente bem para liderar”.

Já Claudio Zattar, da Unidas, sintetizou o sucesso empresarial em três pilares: gestão de pessoas, governança e planejamento. “Ter as pes-

soas certas é essencial para atingir os objetivos da empresa. É preciso desenvolver, capacitar e confiar. Nada se faz sozinho. É preciso ter as pessoas certas, capacitadas e comprometidas com a missão e os valores da empresa”, afirmou. Para ele, a governança corporativa e o planejamento de longo prazo são grandes diferenciais para tornarem as empresas sólidas e inovadoras.

O executivo também comentou o uso de inteligência artificial na operação da Unidas, com foco na melhoria da experiência do cliente. “A tecnologia trabalha nos bastidores, otimizando processos para que o cliente perceba apenas o encantamento no atendimento. O objetivo é simplificar a vida das pessoas”, disse, acrescentando que evolução e aprendizado devem ser constantes e que construir um networking de qualidade é fundamental. “A liderança é uma via de mão dupla. A troca de experiências e boas conexões são essenciais. O LinkedIn, por exemplo, é uma ferramenta poderosa para esse intercâmbio”, comentou.

Juedir Teixeira fechou o painel reforçando que o papel do CEO é difundir a cultura da empresa, divulgar seu propósito e praticar seus valores. Segundo ele, três pilares se destacam como fundamentais para liderar com sucesso no mundo atual: tecnologia, gestão e pessoas. “Esses três elementos formam a base de qualquer organização que queira não apenas sobreviver, mas inspirar, inovar e prosperar”. E concluiu: “três CEOs e um consenso: a inovação não é apenas tecnológica; é também humana, cultural e relacional”.



“

Não há negócio sem gestão e não há gestão sem liderança.

(Juedir Teixeira)

”



PAINEL

Desvendando oportunidades da economia circular

A economia circular é um modelo de desenvolvimento sustentável que propõe um novo olhar sobre o uso dos recursos naturais e a produção de bens. Diferente do sistema linear – baseado em extrair, produzir, consumir e descartar – o modelo circular busca estender o ciclo de vida dos produtos, reduzindo desperdícios e reaproveitando materiais. Nesse processo, atuam agentes públicos, privados e sociais que, juntos, constroem cadeias produtivas mais responsáveis, envolvendo desde a gestão de resíduos até a inovação em design, logística reversa, consumo consciente e inclusão social. A economia circular é um caminho para unir inovação, sustentabilidade e geração de renda.

O debate, moderado pelo presidente do Conselho Empresarial de Sustentabilidade e Economia Circular da ACRJ, Antonio Lúcio, contou com as participações de Márcio Santos, secretário municipal de Economia Solidária do Rio; de Célia Domingues, presidente do Conselho Empresarial de Comunidades, Novos Negó-

cios e Economia Solidária da ACRJ; de David Hertz, presidente e fundador da Gastromotiva; e de Ana Paula Teles, coordenadora de ESG do Grupo Barcelos.

Antonio Lúcio abriu o painel ressaltando que a economia circular vai muito além da reciclagem. “Trata-se de uma cadeia na qual os insumos se transformam e retornam ao ciclo produtivo de forma ambientalmente responsável, envolvendo as esferas pública, privada e social”, explicou o moderador.

David Hertz relatou os desafios de empreender socialmente no Brasil. “É um problema estruturante. Trabalhar com impacto social é, antes de tudo, um resgate da cidadania”, disse. Ele apresentou o trabalho realizado pela Gastromotiva, organização não governamental sediada na Lapa que, desde 2006, tendo a gastronomia como instrumento de transformação social, promove cursos gratuitos de capacitação profissional para jovens de baixa renda e

desenvolve projetos humanitários voltados ao combate da fome e da insegurança alimentar. Essas iniciativas já beneficiaram milhares de pessoas.

Ana Paula Teles apresentou as práticas de ESG (sigla para *Environmental, Social and Governance* – Ambiental, Social e Governança) do Grupo Barcelos, rede de mercados originária de Campos dos Goytacazes que hoje possui 24 lojas e projeta passar de 30 unidades até 2026, com faturamento estimado em R\$ 1,7 bilhão até 2027. Segundo ela, a expansão só tem sido possível porque as práticas ESG estão no centro da estratégia de negócios. O grupo mantém uma empresa dedicada à gestão de resíduos, recicla mais de 2,5 mil toneladas por ano e criou uma “Estação Barcelos” para receber materiais recicláveis.

Além de reduzir impactos ambientais, a empresa estimula clientes a transformar resíduos em cashback, gerando engajamento e benefícios econômicos à comunidade.

O plano de expansão prevê ainda a geração de novos empregos no estado, uso de energia solar e lâmpadas LED, e redução do consumo de papel com assinaturas eletrônicas, práticas que reforçam a governança e a transparência da marca.

Márcio Santos apresentou ações da secretaria municipal de Economia Solidária do Rio, que foi completamente reestruturada. “Temos programas destinados a diferentes faixas etárias e realidades sociais”, explicou. Entre as iniciativas estão o Projeto Maturidade, que promove o reaproveitamento de materiais por pessoas com mais de 60 anos; e o Impacta Rio, espaço de formação e

empreendedorismo com cursos de manutenção de celulares e barbearia. Dez unidades serão inauguradas até novembro, segundo Santos, que também adiantou a criação do Centro de Referência de Economia Solidária e o lançamento do Cartão Artesão Rio, em parceria com a ACRJ.

Célia Domingues destacou o papel da economia criativa e do carnaval nesse contexto. Relembrando sua experiência na escola de samba Mangueira, Célia contou como o trabalho realizado com o reaproveitamento de materiais inspirou outras agremiações. “O carnaval precisa ser sustentável e, ao mesmo tempo, gerar renda e inclusão social”, declarou.

Para a presidente do Conselho Empresarial de Comunidades e Economia Solidária da ACRJ, o Fórum Rio Empreendedor é como uma grande “sala de aula” que promove conexões e negócios. Ela resgatou a história do trabalho de reaproveitamento de fantasias do carnaval iniciada há 30 anos, transformando resíduos em souvenirs. “Hoje, temos quase 200 itens diferentes, produzidos por artesãos do carnaval”, contou ela.

A integração efetiva entre empresas, poder público e sociedade civil é fundamental para fortalecer a economia circular do Rio, por meio de iniciativas que vão do empreendedorismo social à inovação corporativa, e reforçam que o futuro dos negócios passa, inevitavelmente, pela responsabilidade ambiental e social.

“É muito importante trabalharmos com a comunidade. A sustentabilidade só faz sentido quando gera impacto positivo para todos os envolvidos”, sintetizou Ana Paula Teles.



A economia circular é uma cadeia na qual os insumos se transformam e retornam ao ciclo produtivo de forma ambientalmente responsável, envolvendo as esferas pública, privada e social.

(Antonio Lúcio)





PAINEL

Parcerias público-privadas e regulação: estímulo ao desenvolvimento no Rio

Quando poder público e iniciativa privada se unem, quem ganha é a sociedade. Este painel reuniu especialistas dos setores público e jurídico para discutir como o marco regulatório pode impulsionar investimentos e projetos, e transformar a infraestrutura do Rio de Janeiro, por meio de parcerias público-privadas, as PPPs. O debate foi moderado por Gustavo da Rocha Schmidt, sócio do escritório Schmidt Lourenço Kingston Advogados Associados. Participaram Daniel Bucar, procurador-geral do município do Rio de Janeiro, e Marcus Vinicius Barbosa, procurador-geral da Agência Reguladora de Energia e Saneamento Básico do Estado do Rio de Janeiro (Agenera).

Schmidt procurou conduzir a conversa de forma dinâmica e prática, centrada em como a

boa regulação pode se traduzir em resultados concretos para a cidade e o estado. Ele confirmou o consenso entre os debatedores quanto aos benefícios das PPPs, mas alertou: “para que não fracassem, é essencial uma regulação de qualidade”. E questionou como o poder público pode contribuir para oferecer segurança jurídica e fomentar novos investimentos.

Com essa perspectiva, o procurador-geral da Agenera enfatizou que uma boa regulação é, antes de tudo, uma política de desenvolvimento. Ele explicou que a regulação eficiente garante segurança, qualidade e previsibilidade, estando presente no cotidiano das pessoas, ainda que muitas vezes de forma invisível, como nos serviços de telecomunicação ou energia.

Marcus Vinicius Barbosa citou como exemplos bem-sucedidos o caso da Iguá Saneamento, que tem previsão de investir bilhões no estado, e o avanço do mercado livre de gás, responsável por dinamizar a economia fluminense. Segundo ele, esses resultados são frutos de uma governança sólida, consolidada em anos de trabalho conjunto do poder público e das concessionárias. Ele citou avanços ambientais recentes, como a melhoria da balneabilidade das lagoas da Barra da Tijuca e das praias do Flamengo e de Botafogo, como evidências concretas de que a boa regulação gera benefícios tangíveis à população.

O procurador-geral da Agenera defendeu que a boa regulação se sustenta em quatro pilares: independência; diálogo com transparência; segurança jurídica; e tempestividade, pois o *timing* é fundamental e qualquer atraso custa muito mais caro.



É essencial uma regulação de qualidade para o sucesso das PPPs.

(Gustavo da Rocha Schmidt)

“Com esses quatro pontos, conseguimos entregar uma regulação de qualidade; o capital aparece e o resultado é um ciclo virtuoso para a cidade”, disse ele, lembrando que a tecnologia e a inteligência artificial tendem a desempenhar papel crescente na regulação, oferecendo monitoramento contínuo e análise de dados em tempo real para decisões mais precisas.

Ele avalia que as PPPs exigem um olhar diferenciado e técnico, lembrando que os interesses podem divergir e, por causa disso, mecanismos de arbitragem e mediação são indispensáveis.

Na sequência, o procurador-geral do município, Daniel Bucar, abordou o papel das PPPs como instrumento de desenvolvimento urbano e econômico, lembrando como o modelo tem possibilitado a requalificação de espaços públicos e criou as condições para a realização dos grandes shows internacionais das cantoras Madonna e Lady Gaga, na Praia

de Copacabana que ajudaram a reposicionar o Rio como capital global de cultura e turismo.

“É um diálogo permanente com a sociedade. Temos conseguido avançar muito nessas parcerias”, afirmou. Ele mencionou também o entusiasmo com as melhorias ambientais já observadas, alinhando-se ao que foi dito por Marcus Vinicius Barbosa, e elogiou o projeto mencionado pelo empresário Alexandre Accioly em painel anterior, que pretende revitalizar a Enseada de Botafogo com a instalação de uma árvore de Natal e novas intervenções paisagísticas.

Bucar citou ainda a licitação do Jaé, sistema de bilhetagem eletrônica do transporte municipal, como exemplo de carteira de ativos de PPPs bem-sucedida, com potencial de expansão e modernização da mobilidade urbana.



Ele reforçou que, embora a modelagem contratual das PPPs seja amplamente debatida, imprevistos sempre surgem e a segurança jurídica depende da preservação das bases contratuais e das

cláusulas de equilíbrio econômico-financeiro. Ele chamou a atenção para o impacto das altas taxas de juros e da inflação que afetam diretamente os contratos de longo prazo, apoiando a ideia de políticas que mantenham o equilíbrio financeiro e incentivem o investimento privado. Bucar também disse que a ausência de uma agência reguladora municipal reduz a burocracia e permite maior agilidade nos processos.

O futuro da regulação está na integração de dados, na transparência e na inovação. O Rio de Janeiro tem nas PPPs e na boa regulação instrumentos estratégicos para construir um ambiente de negócios sólido, sustentável e capaz de atrair investimentos de longo prazo.

PAINEL

Os dilemas e desafios da sucessão em empresas familiares

A sucessão em empresas familiares é um dos grandes desafios do empreendedorismo e um dos temas mais sensíveis e complexos do mundo dos negócios.

Com moderação do presidente do Conselho Empresarial de Governança, Compliance e Diversidade da ACRJ, Humberto Mota Filho, este painel reuniu Felipe Mussalem (Casas Pedro), Felipe Pereira Coelho (Grupo Dafel), Filipe Barbosa Pereira (Bagaggio) e Roberto Mathias (Tele Rio), para discutir os caminhos e práticas que contribuem para a continuidade e a competitividade dos negócios familiares, como gestão profissional, planejamento estratégico, diálogo e inovação.

Felipe Mussalem, da terceira geração das Casas Pedro, contou que sua trajetória começou em 1995, seguindo os passos do avô, Pedro, fundador da marca.

“Na cultura árabe, sucessão é uma obrigação, não há aposentadoria”, brincou, para afirmar, em seguida, que a profissionalização foi essencial para a longevidade do negócio, que contou ainda com o apoio de consultorias e reestruturações que permitiram modernizar a gestão e atrair novos investimentos.

Frisando que a sucessão pode se dar de várias formas, Mussalem acredita que cada membro da família deve ocupar o espaço onde possa contribuir melhor, lado a lado com executivos do mercado.

Felipe Coelho, diretor executivo do Grupo Dafel, concordou, complementando que é importante identificar as competências individuais e colocá-las nos lugares certos.

O Grupo Dafel foi fundado no interior do estado do Rio em 1990, “quando o ex-presidente Fernando Collor tomou posse”, conforme lembrou o executivo, ao afirmar que a empresa aprendeu a se reinventar nas crises desde cedo. Hoje com 16 unidades, o grupo atua no setor de material de construção e mantém um conselho consultivo.

“Gestão e sucessão familiares representam um desafio enorme que exige preparo, estudo e governança. É lidar com capital e com sobrenome”, ponderou Coelho, lembrando que “problemas sempre virão, mas, com trabalho e planejamento, também serão superados”. Ele destacou o valor de encontros como o Fórum

Rio Empreendedor, que reúnem empresários para trocar experiências e fortalecer o ecossistema de negócios.

Já Filipe Barbosa Pereira, CEO da Bagaggio, contou que é o primeiro presidente da empresa que não pertence à família fundadora. Criada em 1942, a marca passou de 25 lojas em 2009 para mais de 110 em 2016, expandindo-se nacionalmente, com e-commerce, franquias e uma estrutura logística robusta. Ele explicou que o crescimento trouxe desafios de capital, de gestão e de pessoas, levando à necessidade de uma governança profissional. “Nosso papel é manter a família próxima, mas com uma administração técnica e moderna”, disse.

Com uma visão focada em sustentabilidade e inovação, o CEO explicou como a empresa implantou um projeto de logística reversa, em que clientes devolvem malas antigas nas lojas físicas, para serem recicladas e transformadas em novos produtos, com uso de energia renovável. “É uma forma

de trazer o cliente de volta à loja e mostrar que sustentabilidade e tradição podem caminhar juntas”, afirmou.

Roberto Mathias, CEO da Tele Rio, a tradicional empresa do varejo de eletrodomésticos, móveis, eletroeletrônicos e outros produtos, que completou 70 anos em 2024, também não pertence à família fundadora. Ele destacou a importância da gestão profissional. “Um terço das empresas familiares deixa de existir ainda na primeira geração. Tivemos o falecimento de um dos fundadores em plena pandemia e precisamos reagir rápido. Foi a boa governança profissional que manteve a empresa de pé e em crescimento”, relatou.

“**Perpetuar um negócio é o maior desafio de qualquer empresa, ainda mais no ambiente complexo do Rio de Janeiro.**

(Humberto Filho)

”

Humberto Mota Filho disse que perpetuar um negócio é o maior desafio de qualquer empresa, ainda mais no ambiente complexo do Rio de Janeiro. Todos apontaram a profissionalização, a boa gestão de pessoas e a clareza de papéis como condições essenciais à competitividade e à perenidade dessas empresas.





PAINEL

Mulheres empreendedoras e gestoras de sucesso

Elas inspiram, lideram e transformam o mercado com visão e coragem. O painel dedicado a empreendedoras e gestoras de sucesso mostrou como o protagonismo feminino impulsiona o desenvolvimento do Rio. O debate abordou aspectos da liderança feminina, desafios profissionais e o papel das mulheres na transformação dos negócios e da sociedade.

Mediado pela advogada Sheila Lustosa, o encontro reuniu Suzana Kahn, diretora da Coppe/UFRJ; Renata Moitinho, CEO e sócia da rede de calçados e acessórios Sonho dos Pés; Isabella Tanure, presidente do Conselho da Aliança Saúde; e Camille Loyo Faria, CFO e IRO da Americanas, que compartilharam experiências, desafios e visões sobre o futuro do empreendedorismo e da gestão no Brasil.

A professora e pesquisadora Suzana Kahn destacou a importância da curiosidade e da humildade no aprendizado, e lembrando que, no início de sua carreira, não ter vergonha de

perguntar foi um dos diferenciais de sua trajetória. Para ela, as mulheres costumam ter mais abertura para aprender e buscar ajuda. Suzana ressaltou o papel da Coppe/UFRJ na formação de engenheiros e pesquisadores com base em ciência e inovação aplicadas ao setor produtivo. Inspirada em universidades americanas, a instituição se consolidou como referência em conhecimento offshore. “A pesquisa científica e a proximidade com o mercado são fundamentais para transformar ideias em soluções reais”, concluiu.

Renata Moitinho, à frente da marca Sonho dos Pés, contou que cresceu em um ambiente familiar empreendedor e que começou a trabalhar aos 18 anos. “Foi um processo natural, em um ambiente harmônico, onde o trabalho era prazeroso”, lembrou. Apaixonada por moda, comentou seu dilema constante entre tradição e inovação. “A tradição motiva e fortalece raízes, porém é a inovação que garante o futuro. O desafio é equilibrar esses dois mundos, diante da aceleração trazida pela inteligência artificial”, analisou a empresária.

“A liderança pelo exemplo e a gestão participativa fortalecem as equipes no varejo. É preciso mostrar metas com clareza, celebrar pequenas vitórias e criar uma cultura de união e propósito. Assim, reduzimos a rotatividade e mantemos o time engajado”, concluiu Renata.

Isabella Tanure, da Aliança Saúde, também de uma família empreendedora, avaliou a importância da educação igualitária que recebeu. “Fui criada com a ideia de que não havia diferença entre homens e mulheres. Hoje, lidero uma empresa com seis mil colaboradores e acredito que o propósito é o que dá sentido à gestão”, disse a executiva.

Durante a pandemia, a Aliança Saúde enfrentou grandes desafios, que exigiram disciplina financeira e uma gestão focada na jornada do paciente. “Cuidar das pessoas é a base do nosso trabalho. Formamos líderes em cada unidade que conhecem seus indicadores e entendem que o desempenho reflete diretamente na experiência do paciente”, explicou Isabella, que afirmou ainda que, na área da saúde, o retorno emocional é um dos maiores incentivos. “Às vezes, o agradecimento de um paciente é o maior reconhecimento que um profissional pode receber. Essa deve ser a motivação a guiar toda a gestão”, destacou.

Camille Loyo Faria, diretora financeira da Americanas, recordou que sua carreira teve início em um ambiente predominantemente masculino e que sentiu o peso da diferença de gênero ao subir na hierarquia. “Nos cargos de alta gestão ainda faltam referências femininas. Por isso, o nosso papel tem que ser inspirar e formar novas líderes”.

Uma semana antes do início da crise financeira que levou junto a credibilidade da empresa, ela assumiu, com o desafio de liderar um processo de recuperação judicial. “Foi um momento delicado; um período de muita transparência e reconstrução. Precisávamos esclarecer a origem do problema, o que precisávamos fazer e qual era o papel de cada um. Só com clareza e propósito conseguimos salvar empregos e reconstruir a empresa”, lembrou Camille.

“**Precisamos estimular mais mulheres a assumirem posições de comando. A diversidade é o que transforma.**”
(Camille Loyo Faria)

A gestora da Americanas reforçou que não existe um futuro para o varejo sem tecnologia. “Temos 1.500 lojas em cerca de 900 municípios e 40 milhões de clientes atendidos por mês. Precisamos entender o público de cada local, o que ele quer comprar e o quanto pode pagar. Sem tecnologia e inteligência artificial, seria impossível personalizar essa experiência e otimizar processos e logística”, ressaltou.

No encerramento do painel, cada debatedora propôs uma reflexão:

Suzana Kahn disse que o Rio de Janeiro tem potencial para ser um polo tecnológico, com instituições e competências suficientes para impulsionar a inovação. “Educação e conhecimento são essenciais para o futuro”, disse ela.

Isabella Tanure reconheceu as dificuldades de empreender no Brasil, mas se declarou otimista. “Somos exemplo para outras mulheres e precisamos reforçar o papel da tecnologia como aliada”.

Renata Moitinho deseja que o Rio de Janeiro retome seu protagonismo no setor da moda. “Quero ver nossa moda inspirando o Brasil e o mundo”.

Camille Loyo Faria fez um alerta sobre os desafios econômicos de curto prazo e ressaltou a importância da formação de uma nova geração de líderes. “Precisamos estimular mais mulheres a assumirem posições de comando. A diversidade é o que transforma”.

O painel mostrou que, mais do que histórias de sucesso, as trajetórias dessas mulheres representam diferentes faces de um mesmo ideal: liderar com resiliência e visão de futuro, unindo inovação, sensibilidade e coragem para transformar seus setores e inspirar novas gerações e novas lideranças femininas.



TALK SHOW

De Irineu Evangelista a Irineu Marinho

O mesmo nome e trajetórias igualmente visionárias. As histórias de Irineu Marinho, fundador do jornal O Globo, e do industrial e comerciante Irineu Evangelista de Sousa, Barão e depois Visconde de Mauá, foram tema do talk show de encerramento do III Fórum Rio Empreendedor, promovido pela ACRJ, a Casa de Mauá. Eles ajudaram a moldar o Brasil, tendo em comum ideias adiantadas para suas épocas e a coragem para inovar.

O jornalista Anelmo Gois conduziu uma conversa inspiradora com o escritor e historiador Jorge Caldeira, biógrafo do Barão de Mauá, e o presidente da Academia Brasileira de Letras, o também jornalista Merval Pereira, que revisitaram as trajetórias dos dois Irineus que transformaram o Rio de Janeiro e deixaram marcas profundas na história do país.

No início do talk show, o presidente da ACRJ, Josier Vilar, declarou: “Mauá foi o grande empresário do país no século 19, trazendo para o Brasil uma série de inovações. Já no século 20, quem também assumiu esse papel, curiosamente, foi outro Irineu, o Marinho, o homem de visão privilegiada que fundou o jornal O Globo, dando início ao império que conhecemos hoje. São dois legados que devem ser lembrados na construção do ambiente de inovação e transformação que desejamos no Rio de Janeiro”.

Com sua reconhecida sensibilidade histórica, Jorge Caldeira destacou que o Barão de Mauá, com sua percepção empresarial avançada, simbolizou uma mentalidade de transformação. Na biografia de Mauá, o escritor buscou registrar a trajetória e, também, o pensamento do homem que acreditou que o Brasil só se modernizaria se aprendesse a valorizar o trabalho livre, o crédito e a inovação. Para Caldeira, a história de Mauá é a de quem tentou construir um país de oportunidades, capaz de funcionar como uma empresa moderna, aberto ao comércio e voltado para o futuro.

O autor ressaltou o papel da ACRJ, nascida no século 19, como herdeira dessa mesma vocação para o progresso, que defende um Brasil com base empresarial sólida, moderna e aberta ao futuro. Para Caldeira, o Brasil precisa do Rio de Janeiro grande, aproveitando seu potencial como motor do país. O historiador também disse que os exemplos de Mauá continuam atuais:

“Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá, promoveu o Rio de Janeiro como um lugar internacional e assim é até hoje. Preocupou-se em ligar o estado com todo o país, daí a ferrovia que começou. O Rio, ainda hoje, tem um potencial incrível de liderar o país, muito mais que São Paulo. E isso deve ficar de ensinamento para os empresários”, sublinhou Jorge Caldeira.

Anelmo Gois complementou lembrando que Mauá construiu uma das maiores fortunas do Império sem possuir escravos, algo que Caldeira destacou como um exemplo extraordinário de ética e visão de futuro em um país ainda marcado pela escravidão.

O colunista ressaltou a importância do Grupo Globo, que completou 100 anos em 2025, cujos nascimento e permanência no Rio de Janeiro têm profundo significado histórico, sobretudo em uma época que diversas empresas migraram da cidade.

Merval Pereira fez uma viagem pela memória do jornalismo carioca. Ele lembrou que, quando Irineu Marinho lançou o O Globo, o Rio de Janeiro, então capital federal, abrigava um grande número de jornais diários, o que refletia a intensa vida cultural, política e econômica da cidade naquele período. Segundo Merval, Irineu Marinho criou o O Globo com a missão de cuidar dos interesses do cidadão do Rio e das classes médias, em contraste com a postura mais elitista de outros jornais da época.

A primeira capa do jornal O Globo destacou um buraco aberto havia meses, revelando a intenção do veículo de acolher um público que não era da elite, ao demonstrar que estava atento às questões do dia a dia. Era popular sem ser sensacionalista, observou Merval.

“Participo do O Globo há 57 anos. Desde 1968, quando entrei como estagiário aos 18 anos. Vi o jornal se modernizar, mudar seu formato e sua relação com o leitor. Era uma maneira nova de fazer jornalismo, mais próxima do público,

como se o leitor fizesse parte da redação”, lembrou. Ele recordou que o jornal foi pioneiro em temas populares, como o futebol, que desde 1925 já ocupava espaço de destaque em suas páginas, diferentemente dos concorrentes que priorizavam esportes elitizados. O grupo ampliou seu alcance ao lançar o jornal Extra, voltado ao público mais popular, consolidando sua presença em todas as camadas sociais.

Merval enfatizou que Irineu Marinho tinha uma visão de futuro admirável e que mesmo seus projetos iniciais, que não prosperaram, carregavam a semente da inovação que hoje define o Grupo Globo, presente no impresso, no rádio, na televisão, no cinema e nas plataformas digitais. Essa visão múltipla de comunicação, garantiu o jornalista, nasceu com Irineu Marinho.

Encerrando o encontro, Anelmo Gois destacou momentos em que O Globo desempenhou papel decisivo na história do Rio de Janeiro, como na campanha pela construção do Maracanã ou no apoio aos desfiles das escolas de samba, e com posicionamentos editoriais sobre temas centrais da vida carioca, como a mudança da capital para Brasília.

Em um gesto simbólico de reconhecimento, o presidente da ACRJ, Josier Vilar, encerrou o III Fórum Rio Empreendedor com a entrega da Medalha Mauá aos três participantes do último talk show do evento: Anelmo Gois, que foi agraciado pela diretora e produtora cinematográfica Lucy Barreto; e Merval Pereira e Jorge Caldeira, que receberam a homenagem das mãos do empresário Ruy Barreto Filho, presidente do Conselho Superior da ACRJ.





Rio de Ideias

Esta edição do Fórum Rio Empreendedor trouxe uma novidade: o espaço interativo Rio de Ideias, que reuniu empresários, estudiosos

e especialistas de diferentes áreas em torno de debates sobre inovação, tendências e o futuro dos negócios. No Rio de Ideias, o público saiu da posição de espectador para se tornar coautor do debate.



PAINEL

Empresas que aprendem a aprender – Como a educação corporativa impulsiona resultados e fortalece a cultura organizacional

Este painel reuniu Roberto Godinho (IBEU), Maíra Pimentel (Tamboro) e Cláudia Klein (Argumentare). Mediado por Andréa Löfgren, vice-presidente de Associados e Eventos da ACRJ, o debate apresentou reflexões sobre o papel da aprendizagem contínua no fortalecimento da cultura organizacional e na adaptação das empresas às novas formas de trabalho.

Maíra Pimentel destacou que a capacidade de aprender continuamente é, hoje, o maior diferencial competitivo das organizações. “Toda empresa é feita de ‘CPFs’. Aprender a aprender é, antes de tudo, uma atitude pessoal. Se o indivíduo não se adapta, a empresa também não se transforma”, afirmou. Fundadora da Tamboro, startup carioca de educação que utiliza uma plataforma virtual para avaliar e desenvolver competências de colaboradores nas empresas, com mais de 500 mil pessoas impactadas, Maíra ressaltou que o avanço da tecnologia exige das organizações uma mentalidade de experimentação constante, na qual errar faz parte do processo de aprendizagem.

Cláudia Klein, fundadora da consultoria Argumentare, especializada em coaching e suas aplicações em programas de desenvolvimento profissional, reforçou que a aprendizagem organizacional nasce da cultura e do exemplo das lideranças. “A cultura é o espelho do líder. Se o gestor valoriza perguntas mais do que respostas e entende o erro como parte do processo, cria um ambiente que estimula curiosidade, diálogo e inovação”, afirmou. Para ela, nas pequenas e médias empresas, a educação corporativa se constrói no dia a dia, muito mais pela prática e pelo comportamento do que por processos

formais. “Treinamento não é evento isolado; é uma infraestrutura de futuro”, completou.

Roberto Godinho, CEO do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) e presidente do Conselho Empresarial de Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa da ACRJ, apresentou a visão de que empresas que aprendem utilizam cada novo conhecimento como vantagem competitiva. “Educação corporativa não é um departamento. É um ecossistema de desenvolvimento de competências”, afirmou. Citando Peter Senge, autor do livro “A Quinta Disciplina”, ele destacou que “a empresa que aprende é um organismo vivo, capaz de se reinventar continuamente”.

Os debatedores discutiram também os novos métodos de aprendizagem, como o microlearning, as pílulas de conteúdo e o aprendizado entre pares.

O debate também explorou os impactos da inteligência artificial na educação corporativa. Maíra Pimentel observou que a IA vem transformando a forma de produzir conteúdo, personalizar trilhas de aprendizagem e avaliar competências. Cláudia, por sua vez, como usuária, incentivou profissionais de todas as idades a explorarem o uso da IA no dia a dia. “Não é uma ameaça, é uma ferramenta. Quem aprender a usá-la primeiro terá vantagem”, disse.

O painel terminou com uma mensagem clara: as empresas que aprendem continuamente são as que sobrevivem às transformações. Em um mundo em que o conhecimento evolui velozmente, aprender a aprender deixou de ser uma opção. Tornou-se uma questão de sobrevivência e liderança



PAINEL

Gastronomia como vetor de desenvolvimento

A gastronomia carioca tem sido cada vez mais reconhecida como um poderoso vetor de desenvolvimento econômico, social e cultural. Deste painel participaram três nomes emblemáticos do setor – Fernando Kaplan (Venga! e SO_LO!), Rafa Brito Pereira (The Slow Bakery) e Fábio Lewin (Coco Legal) – que compartilharam experiências, desafios e propósitos que ultrapassam as cozinhas e alcançam o cotidiano das pessoas e das cidades.

À frente do Venga! e do recém-criado SO_LO!, Fernando Kaplan destacou o compromisso com ingredientes locais, práticas artesanais e um olhar atento para o entorno. Para ele, “gastronomia é um elo entre cultura, experiência e responsabilidade”, e abrir um restaurante vai além de servir pratos: é ocupar espaços, transformar a paisagem urbana e inspirar pertencimento. Já Rafa Brito Pereira, fundador da The Slow Bakery, contou como a padaria se tornou um movimento de resgate do fazer manual e da consciência produtiva, com impacto direto sobre trabalhadores, fornecedores e consumidores. Sua filosofia é clara: “a gastronomia não é comida, é gente”.

Fábio Lewin, da Coco Legal, trouxe a perspectiva da indústria, lembrando que até produtos

naturais, como a água de coco, dependem de cadeias complexas e decisões éticas diárias. Ele defendeu que qualidade e propósito não podem ser sacrificados em nome da pressa ou da escala, e que “acertar todos os dias” é o verdadeiro desafio do empreendedor que quer crescer sem perder essência.

Os três concordaram que a pandemia foi um divisor de águas, exigindo escolhas difíceis e revelando o valor da consistência e da coerência. Seja mantendo o fermento vivo da Slow Bakery, recusando modismos nas cartas do Venga ou preservando o frescor autêntico da Coco Legal, todos mostraram que resistir ao caminho fácil é também um ato de responsabilidade com o consumidor e com o futuro da gastronomia carioca.

O painel, mediado por Maria Fernanda Oliva (ACRJ), terminou com uma reflexão inspiradora: o sucesso gastronômico não se mede apenas pelo número de mesas cheias, mas pela capacidade de gerar impacto positivo – econômico, humano e ambiental – em toda a cadeia. E foi justamente essa mistura de paixão, propósito e sensibilidade que fez da conversa um verdadeiro banquete de ideias.



PAINEL

O papel da diversidade e da inclusão nas empresas

O painel reuniu Suzana Figueiredo (Firjan/SESI), Izabela Carvalho (Light) e Nina Pedrosa (engenheira e avaliadora judicial) em uma conversa franca sobre diversidade, equidade e inclusão no ambiente corporativo.

Falar de diversidade é reconhecer as diferenças e garantir acesso e oportunidades iguais. Nina Pedrosa destacou que não existe inclusão sem equidade e que justiça social significa enxergar as pessoas em sua individualidade, com diferentes trajetórias e identidades.

Izabela Carvalho lembrou que diversidade não é apenas pauta social, mas, também, estratégia de negócio. “Empresas mais diversas são mais criativas e eficazes. Porém, o primeiro passo é reconhecer que ninguém é igual”, disse. Ela comentou experiências em processos seletivos e

na gestão da Light, ressaltando a importância de ambientes realmente seguros para todas as pessoas.

Para Suzana Figueiredo, quem vive a experiência (da diversidade) fala de “dentro”. “Cabe a nós escutar e respeitar essas vozes”, disse. Ela relatou iniciativas afirmativas e defendeu o letramento como caminho para a conscientização e a mudança de cultura nas organizações.

O público participou ativamente com perguntas e relatos pessoais, mostrando que o tema desperta emoções e urgências. O painel terminou com um consenso: promover diversidade e inclusão é, antes de tudo, um ato de humanidade, e uma responsabilidade compartilhada entre empresas, lideranças e sociedade.



PAINEL

Negócios com propósito: ESG para empreendedores

Este painel abordou o papel das empresas na construção de um futuro mais sustentável e inclusivo. Mediado por Andréa Löfgren, vice-presidente de Associados e Eventos da ACRJ, o encontro reuniu Andrea Gomides (Instituto Ekloos), Marcos Barros (ECOE Turismo Sustentável) e Alexon Fernandes (consultor em Diversidade, Equidade e Inclusão), que compartilharam suas trajetórias e visões sobre como transformar propósito em prática.

Andrea Gomides contou como deixou uma carreira consolidada na área de tecnologia – após 14 anos na HP e cinco na Microsoft – para fundar o Instituto Ekloos há 18 anos. A organização nasceu com a missão de fortalecer projetos sociais e negócios de impacto, aplicando metodologias de gestão e inovação inspiradas no setor privado. “Quando vi o potencial das iniciativas sociais e a falta de estrutura que as impedia de crescer, percebi que era possível unir propósito e eficiência. Foi assim que o Ekloos surgiu: para ajudar quem já faz a diferença a gerar ainda mais resultados”, explicou.

Alexon Fernandes relatou uma trajetória marcada pela busca de significado e representatividade. Engenheiro de produção, ele passou pelo setor financeiro e de óleo e gás antes de migrar para a gestão pública, onde liderou o programa Caminho Melhor Jovem, voltado à juventude negra em comunidades do Rio. A experiência o levou a se tornar consultor em diversidade e inclusão. “Não tem como falar de ESG (acrônimo em inglês para Ambiental, Social e Governança) no Brasil sem falar de raça. A pauta racial atravessa todas as dimensões – ambiental, social e de governança. Precisamos entender que a diversidade não é caridade; é estratégia de negócio”, afirmou.

Já Marcos Barros, fundador da ECOE Turismo Sustentável, contou que sua virada de carreira aconteceu após 25 anos no setor de mineração. Trabalhando com grandes projetos internacionais, ele percebeu a distância entre os discursos corporativos e a realidade das comunidades impactadas. “A diversidade é racial, de gênero e é também cultural. Trabalhei com povos tradicionais e aprendi que inclusão não é fazer o outro se adaptar à sua lógica, mas reconhecer e respeitar modos de vida diferentes”, destacou. De volta ao Brasil, decidiu empreender em projetos de reciclagem, turismo sustentável e inclusão produtiva, conectando pequenos produtores e comunidades vulneráveis à economia formal.

O painel abordou ainda a confusão conceitual entre sustentabilidade e ESG. Para Marcos, o ESG é, antes de tudo, uma ferramenta de mensuração e gestão de riscos. “Sustentabilidade é o ideal; ESG é o método. Ele cria indicadores que medem como a empresa equilibra resultados econômicos, sociais e ambientais. E quanto mais transparente for a governança, mais sólido será o negócio”, disse.

Os três debatedores finalizaram com uma mensagem otimista: todo negócio pode – e deve – ser um negócio de impacto. Andrea Gomides lembrou que mudanças começam com pequenas atitudes, como o crachá de papel sempre usado no evento: “O impacto social e ambiental começa nas escolhas do dia a dia. Cada detalhe conta”. Já Alexon Fernandes resumiu: “As empresas não vivem fora da sociedade. Ou mudam junto com ela, ou serão deixadas para trás”.



PAINEL

Relacionamentos, mídia, pressão e expectativas

Este debate tratou dos impactos das redes sociais nos relacionamentos e na saúde mental. Mediado por Andréa Löfgren, vice-presidente de Associados e Eventos da ACRJ, o painel reuniu Martha Bezerra de Mello, psicóloga clínica, Mah Lacerda, *wellness speaker*, e Alex Castro, escritor, em uma conversa sobre conexão, vulnerabilidade e propósito na era digital.

Martha destacou que as pessoas vivem hiperconectadas, porém cada vez mais distantes. “A constante exposição e a necessidade de responder a tudo geram ansiedade, estresse e depressão. É uma falsa conexão. Estamos sempre disponíveis, mas pouco presentes”, afirmou, defendendo o autocuidado e o trabalho corporal como formas de reconexão.

Mah Lacerda dividiu sua experiência pessoal ao enfrentar um câncer de mama durante a pandemia e transformar as redes sociais em uma rede de apoio para outras mulheres. “Se você está na internet, precisa ter propósito. O que comunica pode impactar a vida de alguém”,

disse. Ela criticou a busca pela perfeição e o culto ao número de seguidores, defendendo autenticidade e verdade.

Alex Castro relatou sua experiência em encontros literários que se tornaram espaços de escuta. “O desafio é reagir à história do outro sem roubar a cena ou dar conselhos prontos”, afirmou. Ele comparou o passado e o presente, explicando que antes a comparação era limitada ao grupo social; hoje, os jovens se medem em relação ao mundo inteiro. “Passamos de uma geração entediada para uma geração ansiosa”, concluiu.

Os três concordaram com a necessidade de autoconhecimento, pausas e conversas verdadeiras. No encerramento, Martha propôs um exercício de atenção ao corpo; Alex destacou a importância da meditação e da presença; e Mah Lacerda lembrou que “somos mente, corpo e espírito e só integrando esses aspectos podemos viver com mais equilíbrio e propósito”.



PAINEL

EO-Entrepreneurs Organization
Conexões que geram negócios

O painel mostrou como redes de empreendedores podem acelerar resultados e transformar trajetórias. Conduzida por Gabriel Kropsch, sócio-fundador da Sinergás, e Roberto Flanzer, produtor de café – ambos da EO - Entrepreneurs Organization – a conversa reuniu Natália Vale (New Temper), Felipe Mussalem (Casas Pedro) e Leonardo Machado (Visagio), que compartilharam suas experiências e o impacto da organização em seus negócios.

Gabriel apresentou a parceria entre a EO e a Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), destacando a sinergia entre as instituições e o papel da Casa de Mauá como ponto de encontro do empreendedorismo carioca. Roberto Flanzer contextualizou a EO como uma organização global fundada em 1987, hoje com milhares de membros em dezenas de países, estruturada em capítulos locais e fóruns de empreendedores que se reúnem regularmente para trocar experiências de forma confidencial, voluntária e profunda.

Representando o setor de consultoria e tecnologia, Leonardo Machado comentou a trajetória da Visagio, fundada em 2003 no ambiente de inovação da UFRJ e hoje presente em vários países, com mais de mil profissionais. Ele ressaltou que, apesar do crescimento, a jornada empreendedora muitas vezes é solitária, especialmente quando envolve expansão internacional, e afirmou que a EO foi decisiva ao

oferecer uma rede de apoio qualificada, tanto no capítulo do Rio de Janeiro quanto em sua experiência na Austrália, encurtando caminhos e ampliando a visão de negócios.

Natália Vale relatou sua experiência na indústria de transformação, à frente da New Temper Vidros Temperados, como terceira geração de uma empresa familiar. Ela contou que chegou à EO em um momento de grande tensão societária e de transição pessoal, conciliando maternidade, dúvidas de carreira e desafios da empresa. Nos fóruns e conexões da organização, encontrou apoio prático para enfrentar crises, organizar decisões e estruturar melhor a gestão, ao ponto de afirmar que muito do futuro da empresa passa pela rede que construiu dentro da EO.

Representando o varejo, Felipe Mussalem levou a visão da Casas Pedro, marca tradicional do comércio carioca, mostrando como a combinação entre legado e inovação exige cada vez mais troca entre pares. Ele destacou que a convivência com empreendedores de outros setores ajuda a repensar processos, formatos de atendimento e modelos de crescimento, gerando não apenas novos negócios, mas também novas formas de gerir e liderar. Em comum, todos reforçaram que conexões consistentes geram aprendizado, oportunidades e coragem para dar os próximos passos, dentro e fora do Rio de Janeiro.



PAINEL

Praias inteligentes: tecnologia, dados e inclusão produtiva no Turismo Azul

Este debate reuniu João Marcello Barreto, presidente da Orla Rio, e Leonardo Maciel, vice-presidente jurídico e de operações da concessionária. Mediado por Andréa Löfgren, vice-presidente de Associados e Eventos da ACRJ, o encontro apresentou uma visão inovadora sobre o papel das praias como espaços de convivência, sustentabilidade e geração de oportunidades econômicas.

Abrindo o painel, João Marcello Barreto celebrou o crescimento do turismo carioca que, em 2025, bateu recordes históricos. Ele destacou que as praias inteligentes são praias bem cuidadas, preservadas e respeitadas, nas quais o cidadão compreende o valor do espaço público. “A praia é o lugar mais democrático da cidade. Cultura, lazer e gastronomia convivem ali. Mas, para funcionar, é preciso respeito e civilidade. Sustentabilidade não é só ambiental: é social e econômica também”, afirmou.

Leonardo Maciel explicou que a Orla Rio, uma concessionária pública, é responsável pela gestão de 309 quiosques ao longo do litoral carioca e tem como desafio aplicar inovação e boas práticas de gestão em um ambiente plural e complexo. Ele apresentou um panorama histórico do uso da orla, desde os tempos coloniais, até a sua transformação em espaço de convivência. “O Rio aprendeu a se olhar de frente para o mar. A orla deixou de ser passagem e virou identidade. Hoje, é preciso garantir que esse uso seja ordenado, sustentável e inclusivo”, disse.

Maciel observou que o avanço tecnológico e o conceito de smart cities devem servir como instrumentos de educação e transformação cultural. “A tecnologia não substitui a consciência. Ela ajuda a educar e mostrar o que precisa

mudar. Uma praia inteligente não é a mais conectada; é a que melhor usa a tecnologia para servir às pessoas e ao meio ambiente”, frisou.

Os representantes da Orla Rio também abordaram o papel da gestão profissional como elemento central para garantir limpeza, segurança e ordenamento do espaço público. “Problemas sempre existirão, mas o que faz diferença é a gestão. A praia é pública, mas precisa de cuidado permanente. É preciso gestão para garantir que aquilo que é de todos seja, de fato, preservado por todos”, afirmou João Marcello.

Eles também trataram dos desafios do comércio informal e da necessidade de ordenamento urbano. Segundo João Marcello, o problema é histórico e exige coordenação entre o poder público e a sociedade civil. “Não se trata de proibir o trabalho, mas de integrar e capacitar. Em Salvador, por exemplo, estamos ajudando antigos permissionários a se formalizar como microempreendedores. Esse é o caminho: inclusão com gestão e responsabilidade”, ressaltou.

Por fim, Leonardo Maciel reforçou que o futuro das praias passa pela educação e pela mudança de mentalidade. “A praia inteligente não vigia. Ela educa. É um espaço de convivência, de encontro e de pertencimento. Quando a tecnologia está a serviço da natureza, ela está também a serviço da humanidade”, afirmou.

O painel terminou com um chamado à ação: transformar a orla em um ecossistema de inovação, cultura e sustentabilidade, onde o turismo, o meio ambiente e a economia caminhem juntos para construir um Rio de Janeiro mais limpo, inclusivo e admirado pelo mundo.



PAINEL

Empreendedorismo na maturidade Nunca é tarde para começar

Este painel reuniu Carla Cabral, host do 60Pod-mais e gerente de projetos, Kika Gama Lobo, escritora e *podcaster*, e Mauro Wainstock, consultor e palestrante sobre gerações e *turnover*. O encontro, também mediado por Andréa Löfgren, trouxe histórias reais de reinvenção, propósito e coragem após os 50 anos, provando que a maturidade é, para muitos, o momento ideal para empreender.

Carla Cabral contou sua trajetória de 40 anos na arquitetura e na gestão pública, incluindo sua atuação em grandes eventos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Após se aposentar, decidiu iniciar uma nova fase de vida, guiada pela curiosidade e pela vontade de continuar produtiva. “Eu me aposentei, mas não parei. A energia e a experiência que acumulamos ao longo da vida são combustíveis para começar de novo”, afirmou. Hoje, com o podcast 60Pod-mais, ela dá voz à chamada “revolução da longevidade”, entrevistando pessoas que estão se reinventando após os 60 anos.

A escritora e comunicadora Kika Gama Lobo compartilhou uma jornada marcada por reinvenções radicais. Após enfrentar um câncer e dificuldades financeiras, transformou sua vivência em conteúdo, rompendo tabus sobre envelhecimento, finanças e sexualidade. “Fiquei sem dinheiro, sem estrutura, mas com vontade de falar sobre a vida real. A maturidade é o palco da ousadia”, disse ela. Criadora da festa Kicando 60+, do podcast Pó de Pau e autora de dois livros, Kika defende que falar abertamente sobre temas sensíveis é um ato político e libertador.

Já Mauro Wainstock trouxe uma visão analítica sobre a chamada economia prateada, destacando o potencial econômico e social da população acima dos 50 anos. “Hoje, o público 60+ movimenta cerca de 2 trilhões de reais por ano no Brasil. Globalmente, seria a segunda maior economia do mundo”, observou. Ele destacou a importância de combater o etarismo e de incentivar o protagonismo na carreira. “A CLT criou sobrenomes corporativos. Quando a pessoa sai da empresa, perde o sobrenome e não sabe quem é. Por isso, é preciso construir a própria marca e empreender enquanto ainda se está no mercado formal”.

Os participantes concordaram que envelhecer no Brasil é um desafio, porém é, também, uma oportunidade de transformação pessoal e social. “Empreender na maturidade é enfrentar o medo e reinventar-se com propósito”, resumiu Carla. Kika completou: “É parar de romantizar o envelhecimento e falar de verdade sobre as dificuldades. É também celebrar a liberdade de escolher o próprio caminho”.

Na conclusão, Andréa Löfgren destacou que o empreendedorismo maduro é parte fundamental da nova economia e deve ser visto como política de inclusão e sustentabilidade. O painel terminou com uma mensagem inspiradora: a longevidade é um convite à ação. Nunca é tarde para começar de novo.



PAINEL

Liderança humanizada e performance

O painel discutiu como as organizações podem conciliar resultados consistentes com ambientes de trabalho mais saudáveis. Mediado por Maria Fernanda Oliva, da ACRJ, o debate reuniu Natalie Tavares (Elumini) e Maria Elisa Riqueza (Sesc RJ) para discutir vínculos, vulnerabilidade, segurança psicológica e a nova dinâmica das relações profissionais.

Representando a Elumini, empresa referência em transformação digital, Natalie Tavares destacou que liderança humanizada significa equilibrar cobrança e escuta, metas e acolhimento. Para ela, o líder deixa marcas e, por isto, precisa escolher bem quais deseja construir. Ela reforçou a importância da vulnerabilidade como ferramenta de conexão, abertura para o diálogo e desenvolvimento humano. Para a executiva, não existe alta performance sem considerar a pessoa que está por trás dos números.

Maria Elisa Riqueza, gestora do Sesc RJ, comentou as mudanças do mundo do trabalho no pós-pandemia e a necessidade de líderes capazes de lidar com realidades diversas e questões de saúde mental crescentes. Ela apresentou iniciativas da instituição, como programas de escuta e apoio psicológico, que fortalecem o bem-estar e a sensação de pertencimento. Para

Maria Elisa, a liderança humanizada começa no autoconhecimento e se materializa na atenção cotidiana: “estar presente muda tudo”.

A mediadora reforçou que o exemplo do líder é determinante para moldar a cultura da empresa. Maria Fernanda destacou a importância da empatia, da comunicação frequente e da capacidade de celebrar conquistas, criando ambientes onde o erro seja tratado como aprendizado e não como ameaça. O painel tratou de desafios reais, como líderes formados em culturas antigas, mais hierárquicas e punitivas, e a convivência entre gerações, com ritmos, expectativas e repertórios distintos. Para as debatedoras, ambientes de medo reduzem a criatividade, ampliam o adoecimento e aumentam o *turnover*. Já culturas que valorizam propósito, acolhimento, comunicação transparente e autonomia tendem a produzir equipes mais preparadas, engajadas e inovadoras.

Elas afirmaram que a performance sustentável nasce da combinação entre respeito, escuta ativa e visão estratégica, lembrando que investir nas relações humanas não é uma pauta só de RH, mas, sim, um diferencial competitivo para qualquer organização que queira prosperar em um mundo cada vez mais complexo.



PAINEL

Revolução no streaming
A nova economia da música

Este encontro discutiu como as plataformas digitais transformaram a forma de consumir, monetizar e produzir música no Brasil. Mediado por Andréa Löfgren, o painel reuniu Paulo Pimenta (BPMcon) e Adriana Vargas (ECAD - Escritório Central de Arrecadação e Distribuição), que trouxeram visões complementares sobre tecnologia, direitos autorais, carreira artística e negócios.

Adriana Vargas explicou o papel do ECAD na arrecadação e distribuição de direitos autorais de execução pública – o que toca em shows, bares, restaurantes, eventos e, desde 2015, também no streaming. Ela detalhou como decisões jurídicas ampliaram o conceito de execução pública para o ambiente digital e como a entidade precisou investir fortemente em tecnologia para processar milhões de execuções enviadas por plataformas como Spotify e outras. A executiva destacou que 85% de tudo que é arrecadado é repassado aos titulares (autores, editores, intérpretes, músicos e produtores), mas lembrou que, em segmentos como bares e pequenos estabelecimentos, ainda é necessário trabalhar com amostragem e captação presencial de músicas tocadas.

Na perspectiva da carreira artística, Paulo Pimenta – que atua em comunicação estratégica e relações públicas de grandes nomes da música brasileira, como Anitta, Thiaguinho e outros artistas do pop, funk e trap – comentou sobre a “adaptação violenta” provocada pelo

streaming. “Se antes a barreira de entrada era gravar e distribuir um CD físico, hoje qualquer pessoa pode subir uma faixa para as plataformas, o que democratiza o lançamento, mas eleva ao extremo a concorrência pela atenção do público”, destacou. Ele ressaltou ainda que, em um cenário em que se ouve música em qualquer lugar e em qualquer momento, o marketing e o posicionamento de imagem tornaram-se decisivos, assim como a capacidade de criar refrões e faixas curtas com potencial de viralização em redes como o TikTok.

Por fim, a discussão se voltou para um ponto sensível: a falta de educação em negócios para músicos. Pimenta destacou que muitos artistas, inclusive de grande projeção, desconhecem conceitos básicos da indústria, contratos e modelos de remuneração, o que os torna vulneráveis a acordos desvantajosos. Anita Carvalho foi citada como exemplo de uma iniciativa voltada à formação profissional, com a Music Rio Academy, mas os convidados defenderam que esse tipo de conteúdo – empreendedorismo, direitos autorais, gestão de carreira – precisa alcançar músicos de todo o país, especialmente fora dos grandes centros.

A vice-presidente de Associados e Eventos da ACRJ, Andréa Löfgren, encerrou o painel ressaltando que esta foi apenas uma “pincelada inicial” sobre a nova economia da música e reforçou o convite para que o tema volte à Casa, agora cada vez mais sob a ótica do empreendedorismo musical.



PAINEL

Saúde mental e produtividade no ambiente de trabalho

Este painel jogou luz sobre um dos temas mais urgentes do mundo corporativo: o impacto das relações de trabalho sobre o bem-estar emocional. A conversa reuniu Maria Fernanda Oliva (ACRJ), Natacha Cândido (Firjan) e Carlos Mario Alvarez, psicanalista e criador da Psicanálise Descolada.

Maria Fernanda abriu o painel lembrando que o tema deixou de ser apenas uma questão individual para se tornar estratégico nas empresas. “Hoje, cuidar da saúde mental é cuidar da produtividade, do clima organizacional e de resultados”, destacou.

Natacha Cândido explicou que a saúde mental no trabalho deve ser tratada como um conjunto de fatores de risco e proteção. Ela frisou que o papel das empresas não é resolver problemas pessoais dos colaboradores, e, sim, oferecer boas condições de trabalho, segurança psicológica e clareza de papéis. “Um ambiente saudável ajuda o trabalhador a se sentir melhor até em momentos difíceis da vida pessoal”, afirmou. A representante da Firjan destacou que o tema deixou de ser tabu e vem ganhando espaço nas organizações, impulsionado por legislações e pela necessidade de prevenir afastamentos e o chamado *burnout*.

O psicanalista Carlos Mario Alvarez trouxe uma visão crítica e provocadora. Para ele, a saúde mental é, antes de tudo, uma questão de consciência e autonomia pessoal. Citando dados da OMS, como a perda anual de US\$ 1 trilhão em produtividade global por doenças mentais, Alvarez defendeu que cada indivíduo precisa reconhecer seus próprios limites e

responsabilidades. “Não existe saúde mental sem autonomia. E não há equilíbrio se a pessoa vive apenas para o trabalho”, ressaltou.

Os participantes também abordaram os desafios do ambiente híbrido e presencial. Natacha observou que o fim do modelo remoto exigiu das empresas novos cuidados, especialmente para evitar o esgotamento e valorizar o tempo fora do trabalho. “Não dá para viver apenas para produzir. É preciso ter momentos de desconexão e lazer”, afirmou.

Eles destacaram ainda a importância da liderança humanizada e do exemplo. Segundo a representante da Firjan, os líderes são fundamentais para consolidar uma cultura de cuidado. “De nada adianta a empresa investir em programas de bem-estar se o gestor desvaloriza quem faz terapia ou ignora sinais de estresse da equipe. O exemplo vem antes do discurso”, lembrou ela.

Na conclusão, Carlos Mario Alvarez reforçou que, além de programas e campanhas, as organizações devem garantir condições reais de trabalho: bons salários, jornadas equilibradas e respeito à individualidade. “Uma empresa que paga bem, respeita horários e estimula a vida fora do trabalho já faz muito pela saúde mental coletiva”.

O debate terminou com uma mensagem de consenso: produtividade e equilíbrio emocional não são opostos, mas complementares. Cuidar de pessoas é investir em resultados sustentáveis e o desafio das organizações é transformar esse cuidado em prática cotidiana.



PAINEL

Como transformar o Rio na capital nacional dos eventos corporativos

Este debate reuniu Chela Bari (All Business Locações), Michael Nagy (Roxy Dinner Show) e Andréa Löfgren, vice-presidente de Associados e Eventos da ACRJ. Em uma conversa inspiradora, os convidados discutiram o potencial do Rio de Janeiro como destino de negócios, os desafios do setor e a força do empreendedorismo carioca.

Chela Bari contou sua trajetória à frente da All Business, empresa especializada em soluções multimídia e estrutura de eventos, com base no Copacabana Palace há mais de 20 anos. Ela relatou a evolução do negócio, que passou de fornecedora técnica à produtora completa, responsável por grandes eventos corporativos e internacionais. “O Rio precisa provar todos os dias que é capaz. Nosso maior desafio é mostrar que o profissional carioca é competente e comprometido”, afirmou.

Michael Nagy, do Roxy Dinner Show, ressaltou o papel dos espaços icônicos da cidade na valorização da cultura e na atração de visitantes. “O Rio tem a melhor energia do mundo para turismo e eventos, mas precisa voltar a acreditar em si mesmo. A cidade já foi líder em captação de congressos internacionais e tem tudo para recuperar esse protagonismo”, disse. Ele defendeu a criação de um calendário anual de

eventos e menos burocracia para facilitar a atuação de produtores e investidores.

Andréa Löfgren destacou a importância de repensar o ecossistema de eventos sob a ótica da sustentabilidade e das práticas ESG. “Mais do que reciclar materiais, é preciso cuidar de toda a cadeia de fornecedores, valorizar as equipes e garantir transparência e responsabilidade social em cada etapa”, explicou. Ela também enfatizou a necessidade de integrar governo, iniciativa privada e entidades de classe para fortalecer o setor.

Para os debatedores, o Rio de Janeiro tem vocação natural para receber eventos, mas precisa de planejamento, incentivo e confiança. Segundo eles, a cidade combina infraestrutura hoteleira, belezas naturais e capital humano qualificado, ingredientes que, bem articulados, podem transformar o Rio novamente em referência nacional e internacional.

“Temos a melhor cidade do mundo para viver, trabalhar e celebrar. Falta apenas acreditar e fazer juntos”, concluiu Michael Nagy, encerrando o painel com um convite simbólico à ação e ao resgate do orgulho carioca.



RIO DE TRAJETÓRIAS

Este espaço apresentou uma linha do tempo imersiva que celebrou a história da Associação Comercial e o legado do empresariado fluminense, mostrando como passado e futuro se entrelaçam no desenvolvimento do estado.



RIO DE CONEXÕES

Neste espaço, o público encontrou um ambiente pulsante de networking e novos negócios, aproximando empreendedores, investidores e produtores de diferentes regiões.

empreendedor
queremos

Espaço
RIO de conexões

RIO de sabores

de conexões



RIO DE SABORES

Já este espaço encantou pela experiência sensorial, dedicado à gastronomia local e aos produtos artesanais que expressam a identidade e a criatividade do estado.

Espaço
RIO economia solidária

bre
edior
remos



RIO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Este foi um espaço colaborativo que reuniu empreendedores do Conselho Empresarial de Comunidades, Economia Solidária, Microempreendedorismo e Terceiro Setor da ACRJ para apresentar seus produtos e serviços.



BARÃO DE MAUÁ

O espaço em sua homenagem se tornou um dos pontos mais visitados, reunindo participantes que registraram o momento ao lado do maior empresário do século XIX, como o presidente da ACRJ, Josier Vilar.



NINHO DO EMPREENDEDOR

A Associação Comercial apresentou seu projeto Ninho do Empreendedor, uma iniciativa estratégica que nasce para transformar a experiência de quem deseja empreender ou expandir seu negócio no estado do Rio de Janeiro e que estará funcionando a partir de 2026 em sua sede.

A realização do III Fórum Rio Empreendedor só foi possível graças ao apoio fundamental de nossos patrocinadores e parceiros. Cada empresa que acreditou neste projeto contribuiu para fortalecer uma agenda que impulsiona inovação, desenvolvimento econômico e novas oportunidades para o Rio de Janeiro.

Nesta edição, contamos com uma área especialmente dedicada aos patrocinadores, um espaço onde puderam apresentar seus negócios, compartilhar soluções e estreitar relações com o público. Essa iniciativa ampliou a visibilidade das marcas presentes e reforçou a proposta do Fórum de construir conexões estratégicas e gerar oportunidades reais entre empresas e empreendedores.





A parceria estabelecida com essas instituições demonstra confiança no trabalho da ACRJ e reforça o compromisso conjunto de estimular o empreendedorismo e promover impacto positivo no ecossistema empresarial do estado.

O sucesso desta edição reflete um trabalho construído a muitas mãos. Somos profundamente gratos pela presença, pela credibilidade e pelo investimento dedicado ao Fórum. Seguiremos cultivando essas parcerias e ampliando iniciativas que fortaleçam o ambiente de negócios do Rio de Janeiro.

Patrocínio Platinum



Patrocínio Ouro



Patrocínio Prata



Patrocínio Bronze



Patrocínio Sabores & Serviços



Apoio



Apoio de Mídia



**Este e-Book é uma publicação da
Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), sob a
coordenação editorial do vice-presidente dos Conselhos
Empresariais Juedir Viana Teixeira.**

Equipe ACRJ:

Andréa Löfgren -vice-presidente de Associados e Eventos

Jacyra Lucas -vice-presidente de Comunicação

Cláudia Moreira -assessora de Comunicação

Luciano Centenaro e Leonardo Lisboa -designers

Maria Fernanda Oliva - gerente Comercial e de Patrocínios

Adolfo Castro e Estefan Radovicz -fotógrafos

Colaboradores:

Igor Quintaes -edição e redação

Andréa Mury -redação e revisão

Eduardo Farias -projeto gráfico e diagramação

Inovart Eventos -patrocínio do estande da ACRJ